



Minha carreira, meu futuro







Gabriela Azevedo

Minha carreira, meu futuro





Grupo Editorial Danprewan

Editora filiada a

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES CRISTÃOS

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Janaina Vieira

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA
Gustavo Azevedo

PROJETO GRÁFICO DE CAPA
Gustavo Azevedo

EDITORAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Rafael Saldanha

REVISÃO
Claudia Lins
Virgínia Cavalcanti

ASSISTENTE EDITORIAL
Débora Silvestre

Copyright© 2011 Edmilson Mendes.

Todos os direitos reservados para Habacuc Editora Ltda. É expressamente proibida a reprodução deste livro, no seu todo ou em parte, por quaisquer meios, sem o consentimento por escrito dos editores.

Habacuc Editora Ltda

Telefax: (21) 2142-7000
danprewan@danprewan.com.br
www.danprewan.com.br

Habacuc Editora é uma empresa do
Grupo Editorial Danprewan

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

XXXXx

Mendes, Edmilson

Balada / Edmilson Mendes. - Rio de Janeiro: Danprewan, 2011.

184p.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7760-xx-x

1. xxxxxxxx. 2. xxxxxxxxxx. I. Título.

xx-xxxx.

CDD: xxx.x

CDU: xxx.x

Texto integralmente revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico.





GERAÇÃO Z



A geração Z é aquela atendida com tudo que é novo e maneiro no mundo, como a Internet, os jogos de computador, o videogame, as redes sociais, os blogs, ipods, mp3 e outras coisas modernas dos dias de hoje! É também uma geração que, por isso mesmo, não dá bofeira e tem opinião formada sobre tudo que acontece no universo jovem. Bem, todos aqueles que nasceram nos anos 1990 pertencem à geração Z (diz a Sociologia).

Pensando nisso, o Grupo Editorial Danprewan criou a coleção **Geração Z**, que foi pensada especialmente para essa galera, trazendo conteúdo e também muita diversão. Assim, você encontrará aqui assuntos que fazem parte desse dia a dia, escritos de maneira leve e prazerosa, mas com muita emoção e aventura – claro! Além de reunir um pessoal que passa pelos mesmos conflitos e pensa de modo muito parecido! São livros que também ajudam a entender e a atravessar esse momento que, às vezes, pode ser tão complicado: tornar-se um adulto de verdade.

Embarque nessa! Fale com seus amigos e professores e confira as histórias desses personagens que fazem parte da **Geração Z**.

BLOG



GERAÇÃO Z





Sumário

Capítulo 1
Tarefa nada fácil, 11

Capítulo 2
Perdida em dúvidas, 15

Capítulo 3
Dúvidas e mais dúvidas, 19

Capítulo 4
Foco, Ana Lu, foco!, 23

Capítulo 5
Be my guest, 25

Capítulo 6
A primeira hora com a Ruth, 29

Capítulo 7
www.blogspot.anotacoesdeanaluc.com.br, 33

Capítulo 8
O poder da escolha, 37

Capítulo 9
Domingo de sol, 41

Capítulo 10
Eventos marcantes, 45

Capítulo 11
Caminhos diferentes, 51

Capítulo 12
Meus interesses, 55





Capítulo 13
Aniversário em ano de vestibular, 61

Capítulo 14
Sessão em grupo, 65

Capítulo 15
Descuidos perigosos, 71

Capítulo 16
Do virtual ao real, 77

Capítulo 17
Novas descobertas, 81

Capítulo 18
Evitando equívocos, 85

Capítulo 19
Bate-papo com profissionais, 87

Capítulo 20
Assuntos em pauta, 93

Capítulo 21
sessão introspectiva, 97

Capítulo 22
Realmente feliz, 101

Capítulo 23
Sessão final, 105

Capítulo 24
Meu futuro aos 22, 111

Capítulo 25
Manhã de verão... e de emoção, 113





Dedico este livro aos adolescentes que compartilharam comigo suas dúvidas, expectativas e aspirações, inspirando-me a escrever.







CAPÍTULO 1

Tarefa nada fácil

– **A**na Lu, como você está bronzeada! Isso que é volta às aulas!

– Aproveitei bem as férias, porque terceiro ano não é fácil. Você vai ver, Rê, em julho já estaremos “amarelo-vestibular!” Vestibular... não é tarefa fácil decidir o nosso futuro!

A Renata deu risada, e continuamos batendo papo sobre as viagens que cada uma tinha feito em janeiro.

Primeiro dia de aula é sempre assim, todo mundo chega animado, só falando das férias e com alguma novidade: é o cabelo mais curto, um *piercing* que não existia, uma tatuagem de henna, além das muitas histórias para contar. As pessoas sempre mudam nas férias, voltam diferentes.

Era exatamente assim que o Zeca estava quando nos cruzamos no corredor. Ele estava queimado de sol, com o cabelo um pouco mais comprido, e continuava me deixando confusa. Ele me olhou, deu uma piscadinha, sorriu e não disse nada.

Eu fiquei totalmente sem graça; devo ter ficado mais vermelha do que um pimentão e só consegui dizer:

– Oi, Zeca!

O Zeca e eu tínhamos ficado no começo do 2º ano, na festa da Paulinha. Já tinha rolado uma troca de olhares no colégio, e na festa acabamos conversando. Na verdade, conversando bastante. Ele me contou que adorava viajar para a praia, que ia





com os pais, com o Paulinho, seu irmão mais novo, e com seu cocker spaniel Whisky ou então descia para o litoral com amigos para pegar onda. Falou ainda de suas bandas preferidas, todas de rock anos 80: U2, New Order, The Smiths.

Eu não podia acreditar; o Zeca gostava de tudo o que eu mais adorava: praia, cachorro e rock.

Acabamos nos beijando e, antes de eu ir embora, ele me disse que era para eu passar o resto do final de semana pensando nele. Ele não precisava nem ter dito isso! Eu adorei ficar com ele e, com certeza, ia ficar pensando nele.

Na segunda-feira, nós nos encontramos no portão da escola. Ele veio em minha direção com um sorriso aberto e me cumprimentou com um beijo na bochecha. Fiquei furiosa! Como o cara pede que eu passe o final de semana pensando nele e me cumprimenta com um beijo na bochecha? Eu tinha certeza de que ganharia um selinho!

Nunca tinha namorado sério, mas durante o final de semana fiquei imaginando como seria namorar o Zeca, ir com ele à praia, curtir o som dos anos 80 juntos... Mas, pelo visto, ele não tinha pensado em nada disso.

Durante o ano que se passou, acabamos ficando outras (várias!) vezes. Sempre que tinha uma festa, uma baladinha ou um festival da escola, nós ficávamos juntos.

No começo eu ficava angustiada, sem entender o que acontecia. Eu gostava do Zeca e ficava insegura, mas depois deixei rolar. Quando chegou o final do ano, eu estava um pouco cansada dessa história e prometi a mim mesma que não ficaria mais com ele, que ia desenganar total. E foi assim em dezembro, depois que as aulas terminaram, e durante as férias.

Não nos falamos mais, não o chamei no MSN nenhuma vez. Mesmo quando eu via que ele estava on-line e minha mão coçava para clicar no nome dele; eu me segurava para não chamá-lo. Nem mesmo espiei o Facebook dele. Ele também não me





procurou. E eu entendi que tinha acabado o que nem mesmo havia começado.

No início foi estranho; mas quando viajei para a casa da minha prima em Ubatuba, no litoral Paulista, eu me senti tão bem que não me lembrava mais de Zeca algum.

A casa dela ficava em um condomínio e tinha uma galera grande. Fiquei lá por três semanas. Um garoto chamado Lucas ficou no meu pé, e acabamos ficando juntos por vários dias. Estava legal, mas depois que voltei não tive mais notícias dele. Eu não liguei, e nem ele me ligou. Como diz o ditado: “amor de praia não sobe a serra”! Mas, sem dúvida, foram férias de verão que deixaram saudades!

Voltei das férias muito animada, cheia de gás para o ano do vestibular. Para mim, esse era o grande e único objetivo do ano, até o Zeca me olhar daquele jeito e eu viajar no tempo... Eu me lembrei das trocas de olhares antes de ficarmos na festa da Paulinha, do primeiro beijo e de todas as outras vezes que ficamos. Eu achava que tinha me esquecido de tudo aquilo, só que aquela piscada dele mexeu comigo.

Mas, logo me repreendi: *Ana Luiza, foco! Este ano é ano de vestibular, e o Zeca é uma grande furada. Mas não conseguia tirar aquela piscadela da cabeça. Será que ia começar tudo de novo?*

Logo o sinal tocou, e começamos o ano com uma aula de Matemática.







CAPÍTULO 2

Perdida em dúvidas

Matemática, Biologia, Português... esse era o meu ano de vestibular, e eu estava me sentindo completamente perdida. Para qual área vou prestar? Para que que eu sirvo? Do que eu gosto? Só sabia que Física e Matemática não eram a minha praia, mas até aí... isso não queria dizer muita coisa. O que devo escolher?

Estava deitada na minha cama, perdida em dúvidas, quando o meu celular tocou. Era a Nanda.

A Nanda é a minha vizinha. Moramos no mesmo prédio desde que éramos pequenas e somos bem amigas; só não estudamos no mesmo colégio porque os pais da Nanda quiseram que ela estudasse na mesma escola que eles tinham estudado, uma escola tradicional da cidade. Já eu estudei em escolas menores e com propostas mais abertas como aula de Literatura no pátio debaixo das árvores, aulas de Biologia vivencial nas cavernas do Parque Estadual do Alto da Ribeira, e daí para a frente. Sempre novas experiências.

Atendi o celular aliviada. Que bom que a Nanda me tirou do meio de tantas dúvidas! Papo vai, papo vem, a Nanda me contou que na escola dela tinham aplicado um teste para descobrir a vocação da pessoa, e que o dela tinha dado Arquitetura.

Fiquei empolgada com a novidade; essa era a solução do meu problema: um simples teste e pronto. Tudo o que eu não tinha conseguido responder em dezessete anos seria respondido em menos de uma hora. Isso era o máximo!





Mas, minha escola não oferecia esse teste. Então, desliguei e fui conversar com a minha mãe. Precisava de ajuda para descobrir onde eu poderia fazer o tal teste.

Encontrei minha mãe na sala, organizando uma papelada de banco. Minha mãe dava aulas particulares de Inglês em casa, então, não era difícil achar um intervalo para conversar com ela.

– Mãe, a Nanda estava me contando que fez um teste e descobriu que ela tem que ser arquiteta. Disse que você responde algumas perguntas, pontua cada resposta e pronto! Você fica sabendo sua profissão. Achei super legal, mãe. Queria tanto fazer esse teste... Você sabe onde posso fazer?

Minha mãe começou a rir.

– Mãe, não sei qual é a graça. Vou procurar no Google.

– Ana Lu, não estou dando risada de você. É que as coisas não são assim. Você não pode escolher a profissão pela soma de pontos de um teste. Tem muitos aspectos que você deve avaliar para escolher a sua carreira.

– Não, mãe... Parece que o teste é coisa séria!

Minha mãe continuava sorrindo.

– Eu sei, filha. Não estou dizendo que o teste que a Nanda fez não é sério, só acho que é muito simplista. Deve-se discutir o assunto com mais profundidade. Há pessoas especializadas em ajudar quem está nessa fase. Sabe a Ruth, aquela minha amiga psicóloga?

– Sei. Quer dizer, lembro que você tem uma amiga Ruth, mas não lembrava que ela era psicóloga.

– Então, ela é psicóloga e faz Orientação Vocacional em seu consultório. Será que você não gostaria de bater um papo com ela?

– Nossa, mãe, ir ao psicólogo só pra escolher a profissão? Não achei que o meu problema fosse tão grave assim...





– Ana Lu, não se trata de um problema grave, mas acho que a Ruth pode te dar algumas dicas legais.

– Pode ser, mas vou pensar mais um pouco...







CAPÍTULO 3

Dúvidas e mais dúvidas

Aquela história de ir à psicóloga não me saía da cabeça. Se eu não sei o que quero, talvez ela realmente possa me ajudar. Ainda não estava certa. Então, aproveitei o recreio para investigar se eu era a única com todas essas dúvidas e para pensar mais sobre a orientação vocacional.

– Rê, você já sabe para qual área vai prestar vestibular?

– Já, vou prestar pra Direito.

– Como você tem tanta certeza de que é pra Direito que você tem que fazer? – perguntou o Bruno.

Pelo visto eu não era a única da turma com tantas interrogações.

– Eu sempre quis ser juíza! Acho legal poder ajudar a sociedade. Afinal o que é certo é certo, e o que é errado tem que ser corrigido.

Fiquei admirando a Rê... Quanta segurança!

– É, Rê, você parece bem decidida. Eu não estou assim não; estou cheia de dúvidas. E você, Bruno, já sabe?

– Eu estou bem dividido. Eu penso em fazer Administração, acho bacana quem trabalha naquelas empresas grandes, como o meu pai. Mas eu adoro tocar violão! Toco toda semana com a galera do prédio, e é show de bola. Adoro! Às vezes penso em estudar música, mas não sei o que meu pai acharia.





– Mas você nunca conversou com ele sobre isso? – perguntou a Rê.

– Nunca, ainda não tive coragem. Ele é desses executivos engravatados, bem caretas. Acho que ele não ia gostar de ter um filho músico.

– Mas, Bruno, se essa é sua maior vontade, você tem que falar com ele.

– Eu sei, Ana Lu. Estou criando coragem.

O Zeca se aproximou da gente.

– Vocês estão com umas caras tão sérias... O que é que está pegando?

Os três responderam em coro.

– Ano de vestibular!

– É, pessoal, ano de vestibular não dá pra bobear – disse o Zeca. – Este ano temos que ralar de tanto estudar.

Eu suspirei.

– Mas o ponto é: estudar para quê? Estou tão perdida...

Sem que eu percebesse, a Rê e o Bruno saíram de perto de nós, e lá estava eu dividindo minhas aflições com o Zeca.

– Ana Lu, calma. Tem tempo até o vestibular.

– Eu sei! Faltam alguns meses até as inscrições, mas vejo todo mundo se decidindo e eu totalmente perdida... Cada hora penso em fazer uma coisa: já quis ser veterinária, porque adoro bichos; comecei a escrever para o jornal da escola e então decidi ser jornalista. Mas vieram as férias, passei alguns dias na fazenda do meu avô e voltei convicta de que eu deveria ser agrônoma. E agora não tenho ideia. É normal?

Zeca estava rindo.

– Claro que é normal, Aninha.





Ele falou com o mesmo carinho de quando ficávamos. Meu coração acelerou e eu preferi encerrar o papo ali mesmo.

– Bom, Zeca, tenho que ir. O sinal já tocou e não posso chegar atrasada. É aula de Química Orgânica, e, como você disse, em ano de vestibular não podemos bobear! Depois a gente conversa mais.

Ele não disse nada; apenas sorriu e deu aquela sua piscadinha.

Fui para a aula, mas quem disse que eu conseguia me concentrar nas cadeias de carbono? E nem nas outras duas aulas seguintes...







CAPÍTULO 4

Foco, Ana Lu, foco!

Durante o almoço, voltei a puxar o assunto sobre a psicóloga com a minha mãe.

– Estive pensando sobre o trabalho da Ruth, mãe... De repente, ela pode mesmo me ajudar. Se ela é craque nisso, quem sabe o meu problema pode ser resolvido?!

– Eu realmente acho, Ana Lu, que com a ajuda da Ruth esse processo de decisão pode ficar mais tranquilo para você.

– "Processo de decisão", mãe? Você sempre dando nomes bonitos para as coisas... "Dúvida cruel" agora virou "processo de decisão"!

Nós duas caímos na risada. Adoro minha mãe por isso: ela está sempre atenta e de bom humor. Ela ficou de marcar um horário com a Ruth.

Passei a tarde estudando. No dia seguinte, teria aula em período integral; então, tinha que adiantar a matéria de dois dias. Mas, página sim, página não, o Zeca vinha à minha cabeça.

Resolvi fazer uma pausa e abri minha caixa de bilhetes e fotos. Nessa caixa eu guardava os cartões e bilhetes mais legais que eu recebia. Tem vários da minha mãe porque, nos aniversários, ela sempre me escreve coisas legais; e também algumas fotos, que são as mais especiais que me deram ou que eu mandei imprimir. A maioria das fotos eu acabo não imprimindo. Meu irmão baixa para mim as fotos da máquina no computador, arquiva





todas de acordo com a data, e lá elas ficam. Acho meio chato ter de abrir o computador para ver as fotos, mas sempre fico com preguiça de imprimir.

Abri minha caixa e busquei as fotos que tinha tirado com o Zeca, até que encontrei várias. A gente em festas, na casa dele, na minha casa... Como a gente gostava de tirar fotos, e como dá saudades olhar para elas!

Coloquei todas de volta dentro da caixa e guardei. Olhei para a caixa e comecei a rir sozinha. Com certeza, a última coisa que o Zeca estaria fazendo naquele momento era olhando as nossas fotos... Aliás, provavelmente nem pensando na gente deveria estar. De repente, eu me senti ridícula me derretendo por aquelas fotos antigas.

Voltei para os livros e procurei me concentrar: *Foco Ana Lu, foco! Ano de vestibular!*

Pouco depois, minha mãe bateu na porta e entrou.

– Ana Lu, já conversei com a Ruth.

– E aí? O que ela disse?

– Ela achou muito bom você se preocupar com a sua escolha profissional, porque é uma escolha importante na sua vida. Depois, ela me contou que o trabalho dela consiste em uma série de atividades voltadas para a escolha da profissão. Então, você deverá ir ao consultório dela algumas vezes.

– Algumas vezes? O negócio é sério mesmo, hein, mãe? Quando você marcou?

– Sua primeira sessão está agendada para sexta-feira à tarde.

– Obrigada, mãe!

Minha mãe era assim: sempre achava a solução para os nossos problemas. Estou ansiosa pela sexta-feira! Pena que ainda estamos na terça...





CAPÍTULO 5

Be my guest

Hoje o dia será comprido; aulas de manhã e à tarde. Período integral no começo do ano dá uma preguiça... Sorte que as aulas da tarde serão de Inglês e de Educação Física; são dinâmicas, e a tarde passa rápido.

Passei a toda manhã sem ver o Zeca, e mesmo na hora do almoço, não nos cruzamos. Onde ele teria ido almoçar? Eu comi na lanchonete da escola e fiquei por lá um tempão, só que ele não apareceu.

Mas não deu para sentir falta dele, porque a Rê falou o almoço inteiro sobre um show que ela tinha ido assistir com o João Pedro e que parecia ter sido muito bom. A Renata estava namorando o João havia quase um ano. Ele não era do nosso colégio; já estava no segundo ano de Medicina e estudava com um primo da Renata. Em uma festa do primo, os dois acabaram se conhecendo e namorando.

A Rê tinha sorte de ter conhecido um cara que já estava na faculdade. Eles são mais decididos, sabem o que querem; não são como os garotos do colégio, que são meio bobões e não querem namorar. O.K! Eu confesso: bem que tenho uma queda pelo “bobão”!

O sinal tocou, e a aula de inglês nos esperava.

A escola separa o inglês em níveis para que cada um possa acompanhar no seu ritmo. Alguns já têm um inglês bom por te-





rem estudado em cursos particulares, outros sabem pouco, e ainda existem aqueles que fizeram intercâmbio nos Estados Unidos e estão com o inglês afiado. Esse não é o meu caso; meu inglês é intermediário. Da 5ª à 8ª série, fiz aulas em cursinhos, mas no 1º ano as aulas na escola ficaram mais puxadas e, eu acabei largando as aulas de inglês extraescolares.

Já estava sentada, abrindo meu caderno, quando alguém sussurrou no meu ouvido: “Hi, girl”!

Era o Zeca!

– Hello, Zeca – respondi. – Não sabia que tínhamos ficado na mesma sala; nunca fizemos inglês juntos antes.

– E isso é bom ou ruim?

Eu sorri com malícia.

– Você é quem tem que me dizer!

– Eu acho ótimo! Melhor ainda se eu puder sentar do seu lado.

– Be my guest! – respondi com um certo ar de superioridade. Adoro essas frases de efeito que ouço nos seriados de TV.

– O que você falou?

– Zeca, você tem certeza de que é intermediário?! Eu disse que você é meu convidado.

– Olha só a Aninha! Daqui a pouco, você já estará na sala dos “intercambistas”!

De repente, as coisas entre a gente voltaram a rolar de uma forma gostosa. Não parecia que tínhamos ficado tanto tempo distantes. Estava tão bom ficar perto dele que comecei a torcer para que a aula passasse devagar. Mas os minutos pareciam voar. Por que quando as coisas estão boas elas passam tão depressa? Logo a aula terminou, e na Educação Física as salas não se misturavam.





Antes de ir para a aula de Educação Física, o Zeca veio se despedir de mim.

– Tchau, Aninha.

– Tchau, Zeca... A gente se vê.

Mais uma piscadinha!







CAPÍTULO 6

A primeira hora com a Ruth

A semana passou rápido, e a sexta-feira não tardou a chegar. Eu estava ansiosa, afinal, era a minha primeira sessão com a Ruth. Não sabia direito o que esperar. Como seriam essas atividades? O que eu deveria fazer? Sabia que eu não precisava levar material algum e que a sessão demoraria uma hora.

Minha mãe me deixou em frente ao prédio onde a Ruth tinha consultório, porque a sessão seria apenas comigo. Meus pais iriam conversar com ela, mas só depois que eu terminasse todo o programa.

Subi ao 11º andar e entrei em uma sala de espera pequena, mas aconchegante. Como eu estava dez minutos adiantada, a secretária pediu que eu aguardasse.

Não tive vontade de ler nenhuma revista. Aproveitei os dez minutos para tentar me lembrar do rosto da Ruth. Minha mãe disse que eu já a tinha visto algumas vezes, mas eu não me lembrava dela.

Logo a porta do consultório se abriu, e uma senhora com expressão séria saiu da sala, despediu-se da secretária e deixou o consultório. Em seguida, a Ruth me chamou.

– Oi, Ana Luiza, vamos entrar?





Entrei um pouco tímida. A sala era ampla e iluminada. Tinha uma mesa redonda com cinco cadeiras em volta, duas poltronas e um sofá pequeno. A Ruth me convidou para sentar nas poltronas.

– Ana Luiza, fazia realmente bastante tempo que a gente não se via. Eu me lembrava de você criança, e cá está você, uma vestibulanda!

Eu sorri.

– Sua mãe comentou que você está com dúvidas em relação ao que prestar e por isso gostaria de fazer o programa de Orientação Vocacional.

– Põe dúvida nisso! Estou perdida... não sei para o que eu levo jeito!

– Jeito? Jeito a gente leva para várias coisas, por isso é muito natural ter tantas dúvidas nessa fase. O programa de Orientação Vocacional vai ajudar você a enxergar diferentes possibilidades que vão ao encontro de suas maiores habilidades e qualidades.

– Habilidades? Nem sei se eu tenho habilidade para alguma coisa.

– Claro que tem, e vamos descobri-las juntas. E para poder ajudá-la, vou precisar conhecê-la um pouco mais.

A Ruth falava com tranquilidade, olhando nos meus olhos e sorrindo. Ela devia ter a idade da minha mãe, mas era um pouco mais baixa e mais magra. E tinha os olhos verdes bem claros, quase transparentes. Eu estava me sentindo bem em seu consultório.

Começamos a conversar sobre a minha vida, o que eu gostava de fazer, o que eu não gostava, como era a minha escola, por que eu havia escolhido aquela escola, se eu tinha irmãos e namorado.





– Namorado? Não...

– Não? Esse “não” não me convenceu.

Dei risada. Depois, tentei explicar:

– Na verdade, eu tenho um “ficante”, sabe? Eu e o Zeca costumávamos ficar juntos durante o ano passado. Nunca rolou namoro, namoro mesmo, mas eu gostava muito dele e de ficar com ele. Mas, no fim do ano eu decidi dar uma desencanação; não estava mais legal para mim essa história, não sabia o que era, o que eu sentia. Então, quando as aulas terminaram, deixamos de nos falar. Até conheci um outro garoto na praia. Mas agora que as aulas voltaram, não sei, o Zeca está mexendo comigo de novo.

Ela, então, perguntou um pouco mais sobre o Zeca, a idade dele, onde ele estudava, se já estava na faculdade ou não.

Depois perguntou sobre meus pais.

Fiquei sem graça novamente. Não sei se minha mãe tinha contado ou não, mas meus pais tinham se separado havia um ano. Era muito pouco tempo, e eu e o Caio, meu irmão, ainda sofriamos com a separação. Sentíamos muitas saudades da época em que meu pai estava em casa com a gente, das viagens, dos programas de final de semana com todos nós juntos. Eu entendia que meu pai e minha mãe estavam brigando bastante e que não estava legal do jeito que o casamento estava. Mas, mesmo assim, eu sentia muito a falta do meu pai. De qualquer forma, nós sempre nos víamos, inclusive, nos veríamos naquela sexta-feira à noite; Caio e eu iríamos jantar com ele.

Estava gostoso falar com a Ruth sobre essas coisas. Normalmente eu não tinha muita oportunidade de falar tão abertamente sobre tudo isso. A nossa primeira hora logo terminou.

Minha mãe veio me buscar e estava ansiosa para saber como tinha sido a sessão. Ao mesmo tempo em que eu queria dividir





com ela – afinal, foi ela quem deu a ideia e me apoiou na decisão –, eu queria guardar aquela hora para mim. Tínhamos conversado sobre coisas tão pessoais... Então contei de uma forma geral como a Ruth tinha conduzido a sessão, mas sem entrar em detalhes sobre as minhas respostas.



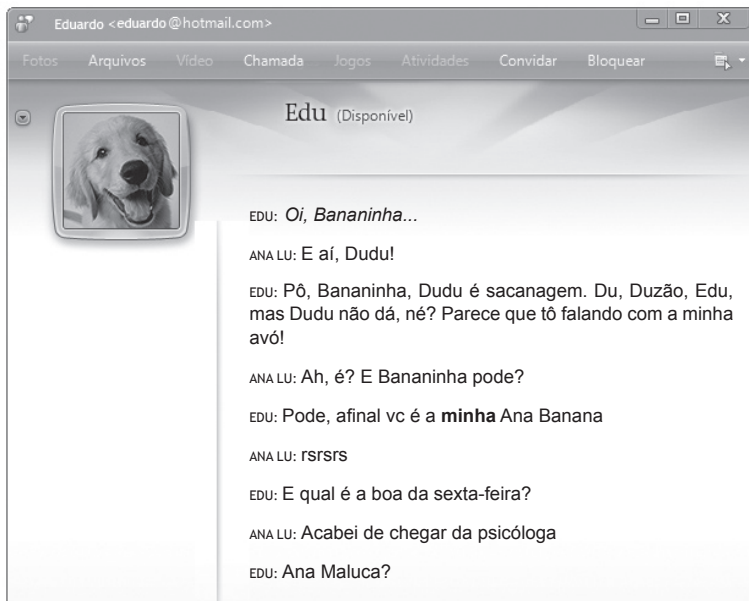


CAPÍTULO 7

www.blogspot.anotacoes-deanaluc.com.br

Quando eu cheguei em casa, depois da sessão da Ruth, entrei no MSN. O Edu, um amigo do clube, estava on-line.

O Edu me chamava de Ana Banana, por isso o “Bananinha”. Eu não me incomodava; achava carinhoso e era só ele mesmo que me chamava assim, porque se fosse o clube todo me chamando de bananinha, não ia rolar!





ANA LU: rrsrrs. Tô fazendo Orientação Vocacional, não sei pra que área prestar vestibular. Tô P-E-R-D-I-D-A.

EDU: E precisa de psicóloga pra te ajudar nisso?

ANA LU: Claro que sim! A mulher é fera. Especialista.

EDU: E o que a mestre das profissões falou que vc deve fazer?

ANA LU: Não é assim, Du. Ela não diz de cara o que eu devo fazer. Ela é psicóloga, e não guru!

EDU: Tá bom, engraçadinha! Mas então conta como é o esquema da Orientação Vocacional?

ANA LU: Bom, como diz minha mãe, é um processo de escolha!

EDU: Ah! Agora entendi. Foi bem esclarecedor.

ANA LU: Serão várias sessões com a Ruth, a minha psicóloga, e só no final que chegarei à conclusão do que prestar.

EDU: Show de bola esse esquema! Agora que vc tem todas essas dicas poderosas, bem que podia contar pra gente.

ANA LU: Mas, Du, vc já está na faculdade... Está pensando em desistir da engenharia?

EDU: Não. O curso é puxado, às vezes cruel, mas não penso em largar não. Só pensei na galera. Tem muita gente prestando vestibular, e vc podia fazer uma comunidade dos vestibulandos. Lembra que duas cabeças pensam melhor que uma.

ANA LU: De repente eu posso mesmo ajudar o pessoal... a Ruth fala coisas bem legais!

EDU: Então, Aninha, por que vc não faz um blog com as suas informações?

ANA LU: Um blog? Não tinha pensado nisso. Mas exatamente o que eu coloco nele?

EDU: Suas anotações. Vc não anota tudo o que a psicóloga fala?

ANA LU: Anoto, não tudo, mas até que eu anoto bastante coisa.

EDU: Então é isso, Bananinha: Anotações de Ana Lu!

ANA LU: Táí, Edu! Gostei da ideia: anotaçõesdeanalulu.com.br.



Entrevista de emprego em INGLÊS? Confira nossas dicas



Meu futuro aos 17

Muitas de minhas amigas têm blogs, e, algumas vezes, isso me fazia sentir deslocada, ou melhor, desconectada! Mas isso foi até hoje!

Comecei a fazer Orientação Vocacional.

Isso mesmo, caros amigos. Estou indo à psicóloga para decidir meu futuro.

Meu futuro aos 17! Quanta responsabilidade...

Por isso, decidi fazer esse blog. Se a Orientação Vocacional está ajudando na minha escolha profissional, por que não achar alguma forma de dividir esse conhecimento e ajudar vocês também?

Bem-vindos ao meu blog! As anotações de Ana Lu!

Pensando em você!

Na escolha profissional, mais do que conhecer as possíveis carreiras, os diversos cursos e universidades, é importante se conhecer, ter claros seus próprios valores, gostos, afinidades, objetivos e projetos. Assim, na primeira sessão, a Ruth, minha psicóloga, fez um exercício de reflexão. Ela disse que esse é o primeiro passo.

Vamos lá! Pense em aspectos relevantes de sua vida, tais como:

- √ Família
- √ Amigos
- √ Escola
- √ Outros aspectos cotidianos



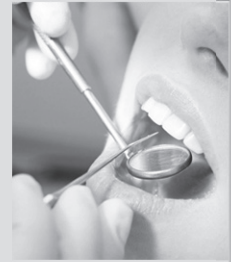


Registre agora como você se sente em relação a eles quanto ao que:

- √ *Admira*
- √ *Gostaria que fosse diferente*
- √ *Nele é importante para você.*

Pense, do ponto de vista pessoal, quais são os seus planos e projetos de vida, o que você sonha.

POSTADO POR ANA LU





CAPÍTULO 8

O poder da escolha

O blog tomou bastante tempo. Não sabia exatamente como começar, mas, como tinha adorado a sugestão do Edu, estava decidida a fazê-lo. Fiz e refiz o layout, escrevi e reescrevi o texto. Esse trabalho dobrado obviamente levou o dobro do tempo. Quando me dei conta, faltavam quinze minutos para o meu pai chegar. Voei para o banho.

Meu pai passou em casa por volta das 20h30, e saímos os três para jantar: eu, ele e o Caio. Eu ainda não tinha contado a ele que havia decidido fazer o programa de Orientação Vocacional. Desde que meus pais se separaram, isso tinha ficado esquisito em casa. Os acontecimentos ou novidades nunca eram passados inteiramente. Meus pais continuavam com um relacionamento, digamos, civilizado, mas falavam o mínimo. Em termos financeiros, meu pai ajudava, era correto. Minha mãe nunca precisava ligar para ele cobrando nada. E não via qualquer outra razão para ligar para ele, nem ele para ela. Era estranho... Parecia que tinha acabado mesmo.

Quando ele ligava em casa e ela atendia, era sempre um “Oi, tudo bom? Vou chamar a Ana, ou o Caio”. Às vezes tinha a dobradinha “beijo, tchau”, e em outras terminava mesmo com o silêncio. Não havia raiva ou rancor, mas não tinha qualquer outro tipo de emoção... Ainda era estranho para mim.

Eu estava ansiosa para contar sobre a Orientação Vocacional, afinal desconfiava que ele iria gostar. Mas o Caio também queria contar sobre o campeonato de tênis do qual estava participando.





Então, em coro falamos: “Pai, você não sabe”! Começamos a rir, nem se tivéssemos ensaiado teria saído tão sincronizado.

Deixei o Caio falar primeiro. Ele contou que o campeonato, apesar de ser amador, contava com professores e outros jogadores que já tinham sido profissionais. Então, que a grade estava bem difícil, e ele era um dos mais novos. Contou que teria o primeiro jogo no domingo e queria muito que meu pai fosse com ele. Meu pai topou na mesma hora! Ele adorava nos acompanhar em eventos sempre que podia. Isso era uma coisa que tinha melhorado com a separação. Antes, ele sempre delegava minha mãe para nos levar e nos acompanhar. Agora, não pensava duas vezes para aceitar qualquer convite nosso.

Quase todas as sextas-feiras jantávamos fora, íamos a uma lanchonete, a um restaurante de massas e eventualmente a uma pizzaria. O Caio não topava nada que fosse diferente disso. Poucas vezes saí com meu pai sem o Caio, mas, quando acontecia, aproveitávamos para ir a restaurantes japoneses. Quando chegamos ao restaurante, contei sobre minhas dúvidas em relação à escolha da carreira, contei sobre o papo que tinha tido com a minha mãe e a sua sugestão sobre o programa de Orientação Vocacional com a Ruth.

Meu pai abriu um sorriso e disse:

– Não poderia ter decisão mais acertada, Ana Lu. Sua mãe sempre tem boas ideias.

Eu gostava quando ele elogiava minha mãe. Não era frequente, mas, por vezes, ele deixava escapar um elogio, e isso me agradava muito. Ficava imaginando se ele elogiava outras mulheres, se a namorada que ele teve depois da minha mãe também tinha boas ideias. *Não*, respondi para mim mesma, *ela não tinha cara de quem sempre tem boas ideias*. Fiquei triste ao pensar que minha mãe não era mais tão única. Já estava me perdendo nesses pensamentos melancólicos, quando meu pai comentou:





– Nunca fiz uma Orientação Vocacional, nem atividades que me expusessem a diferentes oportunidades. Na escola em que estudei, educava-se para as carreiras tradicionais, como Medicina, Engenharia e Direito, e os seus avós adotavam a mesma postura da escola. Assim, ser engenheiro já estava determinado na minha cabeça. Fui fazer faculdade de Engenharia. Hoje vejo que a minha motivação vem de poder criar, mas, talvez, se eu pudesse voltar no tempo, em vez de Engenharia Civil, teria estudado Arquitetura. Sinto que meu lado criativo, artístico, seria mais desenvolvido. Mas acertar na escolha depende do que você acha certo no momento em que decide, e naquela hora, a Engenharia parecia a escolha certa. Com certeza, se eu pudesse ter feito uma Orientação Vocacional, eu teria refletido sobre outras possibilidades.

Fiquei impressionada com as suas colocações, tão francas e abertas. Eu nunca tinha pensado sobre a escolha profissional de meus pais, como eles tinham se sentido na época, o que os motivou a escolher aquele caminho ou qual havia sido o apoio que meus avós teriam dado a eles. Depois desse discurso, fiquei curiosa em saber se meu pai tinha se arrependido da escolha.

– Não, Ana, não me arrependo. A faculdade de Engenharia tem uma característica peculiar pelo seu alto nível de exigência e de compreensão a fundo de teorias complexas, combinado, ainda, com a exigência implacável dos professores. E experimentar essa vivência me ajudou a enfrentar o início da vida profissional com maior facilidade. Mas acho que é uma grande oportunidade você poder discutir e refletir sobre a escolha antes de fazê-la.

Nível de exigência? Teorias complexas? Início da vida profissional? Ainda teria que pensar em tudo isso?



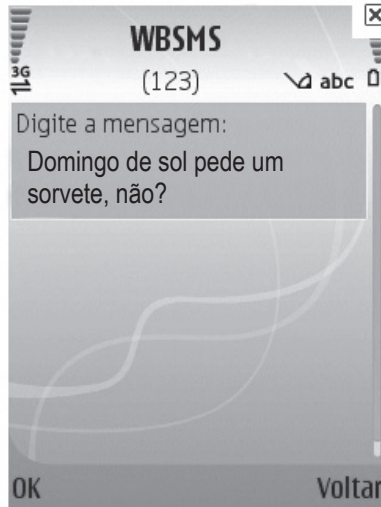




CAPÍTULO 9

Domingo de sol

Era domingo, meio da tarde, e eu estava à toa, lendo uma revista, quando recebi um alerta de mensagem no meu celular.



Era do Zeca. Fiquei surpresa e tensa. Será que ia começar tudo de novo? O que eu deveria responder? Não queria digitar um simples “pede”. Era muito sem graça! Então, pensei por alguns minutinhos e respondi:

Principalmente se for em boa companhia.

Em menos de trinta segundos, meu celular tocou.

– Será que me encaixo nessa boa companhia?





Dei risada.

– Hummm... acho que sim!

– Vamos à Cem Sabores?

A Cem Sabores era uma sorveteria deliciosa que ficava perto de nossas casas, e algumas vezes fomos lá juntos.

– Vamos sim. Como você quer combinar? Quer me encontrar lá?

– Não. Eu passo no seu prédio, e vamos juntos. Daqui a uns 15 minutos estou aí.

Estava com um short e uma camiseta de ficar em casa. Meu irmão sempre ri por eu ter “roupas de ficar em casa”. Para ele, roupa é roupa. Mas sempre tem aquela roupa mais velha, ou que está fora de moda, que não dá mais para usar para sair, mas que é uma delícia para ficar em casa. Então, corri e vesti uma roupa mais bonitinha, roupa de sair! Coloquei um vestido florido que eu ganhei no Natal e uma sandália rasteirinha. Olhei meu cabelo no espelho e achei que estava legal. Pouco depois, o Zeca chegou. Ele morava a poucas quadras de casa, e eu sabia que ele chegaria em menos de quinze minutos.

Era gostoso sair só com ele, sem ter o pessoal do colégio em volta ou o sinal tocando para a próxima aula. Eu me sentia mais à vontade, mas ao mesmo tempo mais nervosa. Parecia nosso primeiro encontro.

Eu pedi o sorvete de pavê, e o Zeca começou a rir.

– É, Aninha, nada mudou!

Ele sabia que eu achava o sorvete de pavê da Cem Sabores imbatível, como eu também tinha certeza de que ele pediria o chocolate crocante.

Sentamos em uma mesinha da calçada e começamos a conversar. Contei para ele que tinha começado a Orientação Vocacional, e que eu estava gostando muito. Falei também sobre o papo que tinha tido com meu pai. Ficamos conversando sobre





vestibular; ele contou que tinha decidido prestar para Administração, que achava que era uma área ampla, que iria permitir um grande campo de atuação.

Ficamos um tempão conversando até que, de repente, houve um grande silêncio entre nós. O Zeca ficou me olhando, e eu olhando para ele. Então, ele se aproximou e me deu um beijo.

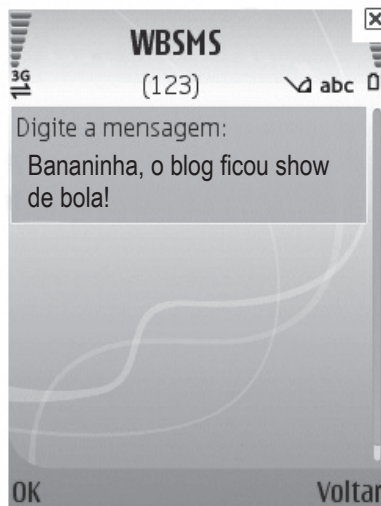
Mais uma vez, meu coração acelerou e por alguns instantes esqueci o vestibular, a Orientação Vocacional, as carreiras. O tempo parou naquele beijo do Zeca.

Ele me deu um abraço e sussurrou em meu ouvido:

– Que saudades, Aninha.

Eu sorri. Continuamos ali na sorveteria juntos até o fim da tarde. Voltei para casa sem saber o que pensar ou sentir. Não sabia se eu queria voltar a ficar com o Zeca, se rolaria namoro... Queria entender o que ele sentia por mim, mas não conseguia. Na verdade, não conseguia entender nem mesmo o que eu estava sentindo. Estava feliz e angustiada ao mesmo tempo. Eu me sentia poderosa e insegura. Estava uma confusão total dentro de mim!

Quando cheguei em casa, tinha recebido uma mensagem do Edu.





Eu sorri. Edu, Edu! Eu gostava dele. Era mais velho do que eu dois anos e fazia Engenharia na Federal, uma faculdade que era a cara dele. O Edu tinha uma visão bem objetiva, conseguia ver as situações de forma completa, via e previa consequências, tinha observações assertivas. E sempre acabava dando uma sugestão certa. Eu gostava desse jeito dele. E, de quebra, achava ele bem gatinho, era bem alto e adorava esportes. Agora ele não ia tanto ao clube como antes; a faculdade não dava folga, mas sempre que conseguia, escapava para lá. No ano passado, a gente sempre se cruzava, quando ele aparecia, mas agora, com as minhas aulas à tarde, estava difícil ir ao clube.

De repente, aquela sensação boa da tarde perdeu espaço para uma grande dúvida: o que estava acontecendo comigo? Acabei de ficar com o Zeca e de repente me distraí pensando no Edu...

No dia seguinte, no colégio, eu me sentia confusa. Queria e não queria me encontrar com o Zeca. Tinha gostado de ficar com ele no domingo, mas não sabia se queria voltar àquele esquema com ele. Realmente não me sentia disposta a voltar com as nossas idas e vindas.

Não demorou até que o Zeca cruzasse o pátio em minha direção. Ele se aproximou, e nos cumprimentamos com um selinho. Um ano antes, isso era tudo o que eu desejava, mas agora me deixou incomodada. Não queria que ele achasse que estávamos voltando no tempo.





CAPÍTULO 10

Eventos marcantes

Hoje eu tinha meu segundo horário com a Ruth e estava na expectativa de encontrá-la para saber qual seria o próximo passo.

Nessa segunda sessão, eu me sentia mais à vontade, e começamos conversando sobre o final de semana. Contei a ela que tinha saído para jantar com meu pai e como tinha sido nosso papo, como descobri que ainda precisava pensar no nível de exigência da faculdade e no início da vida profissional.

Ruth sorriu:

– Calma, Ana Luiza... Tudo a seu tempo. Ainda vamos chegar a essas reflexões. Mas hoje quero conversar com você sobre suas realizações.

– Realizações? Eu só tenho dezessete anos! Acho que ainda não tenho nenhuma realização.

– Claro que tem, mas talvez você ainda não esteja conseguindo identificá-las. Por isso, vamos fazer um exercício para ajudá-la.

A Ruth pediu que eu escrevesse em uma folha de papel tudo o que me fez sentir realizada ao longo da minha vida. Não precisava ser uma grande obra, mas eu precisava relatar eventos que me tinham feito sentir bem ou gratificada.

Não sei por que, mas a primeira coisa em que pensei foi no Biju, meu cachorro, que comprei com as minhas economias. Juntei o dinheiro que ganhei da minha avó, em um aniversário, o que sobrou do dinheiro que minha mãe me deu para uma via-





gem, além de parte das minhas mesadas, e de um bico que fiz como monitora em um acampamento. E assim foi até conseguir comprá-lo. O Biju é da raça Schnauzer e é muito esperto. Costumamos brincar que ele só falta falar.

Coloquei também que fiquei com Zeca no ano passado. Estranho, mas não quis colocar nada relacionado ao domingo.

Listei ainda:

- √ Ter criado uma frase criativa e ganhado uma viagem para Fortaleza num concurso;
- √ Ter participado do campeonato de vôlei entre escolas e ter ficado entre os quatro times finalistas;
- √ Ter organizado uma festa surpresa para o meu irmão;
- √ Ter sugerido o nome do jornal da escola e terem aceitado a minha sugestão;
- √ Dançado valsa na festa de debutante da Rê;
- √ Nunca ter ficado em recuperação;
- √ Ter criado o blog.

Não entendia direito o porquê dessa lista, afinal, para mim tudo parecia meio bobo. Esses tinham sido os meus grandes feitos?

– Ruth, essa lista está me fazendo sentir a pessoa mais comum do mundo. Eu queria ser mais marcante.

– Aposto que há coisas bem legais nessa lista, Ana. A ideia da lista é, com o que você anotou, olharmos para as suas habilidades e alguns de seus valores. Vamos olhar para a lista e tentar descobrir o que há por trás de cada um dos itens. Qual é o primeiro e por que é marcante?

– A compra do Biju. Eu queria muito um cachorro, mas meus pais, que na época ainda estavam juntos, não queriam. Já tivemos outros cachorros antes, e eles estavam cansados de ter que





cuidar deles. Então, precisei usar de todo o meu poder de convencimento para persuadi-los. Usei argumentos certos para convencê-los de como seria bom ter novamente um cachorrinho em casa. Sem falar nas minhas economias, meses de mesada investidos na ferinha!

– Então, Ana, o que você identifica como suas maiores qualidades nessa conquista?

– Deixe-me ver... Acho que a persistência, a criatividade na argumentação, o poder de persuasão.

– Eu vejo ainda a percepção – disse Ruth. – Você diz que usou argumentos certos para convencê-los. Ou seja, você percebeu bem cada um deles, qual era o tipo de resistência imposta e, aí, escolheu seus argumentos. Tudo muito rápido, talvez até de forma intuitiva.

– É verdade! Não tinha pensado nisso...

– O que mais você listou?

– Que fiquei com o Zeca no ano passado. Sabe o que é estranho? No domingo, ficamos novamente. Mas não quis listar como uma realização, mesmo curtindo a tarde. Esquisito, não?

– Então me conta por que colocou que vocês ficaram juntos no ano passado e não colocou essa vez? O que provocou essa diferença?

– Acho que eu soube como seduzi-lo. Eu soube, usando as suas palavras, Ruth, percebê-lo, cativá-lo. Quer dizer, talvez não o suficiente porque a gente nunca namorou de fato. Agora eu soube despertar o interesse dele por mim novamente, mas não estou tão empolgada. Por isso é que na lista só falei a primeira vez. Mas não sei exatamente o que fez com que eu o conquistasse.

– Talvez, mais uma vez, o seu lado intuitivo, não?

Eu não soube o que dizer; nunca havia me dado conta de que eu tinha um lado intuitivo.





Então, continuamos repassando a lista e analisando as qualidades e características.

Aproveitei para contar à Ruth sobre o blog. Falei que havia sido ideia do Edu e como eu admirava a capacidade dele de ter sugestões tão certeiras. Mas fazer o blog me deixava realizada, não só por dividir o conhecimento, mas também pela sensação de estar ajudando outras pessoas a se desenvolver – e ser eu a guia nesse processo.

A Ruth gostou muito de saber sobre o blog. Até pediu o endereço e disse que seria minha seguidora!

Discutindo a minha lista, descobri que usava bastante a criatividade, que me destacava pela dedicação, pelo compromisso, pela persistência e pelo companheirismo. Percebi, ainda, que ambientes competitivos e o relacionamento com as pessoas me agradavam, que gostava de poder liderar. Por fim, percebi que ser reconhecida era importante para mim.

Foram tantas as descobertas que saí da sessão me sentindo mais segura. Mas ainda não estava convencida de que eu era tudo aquilo!



Pontos fortes

Não temos noção, mas somos muito bons! É isso mesmo, podem se achar!

Nós temos muitas qualidades, e nem nos damos conta disso. Mas na hora de escolher uma profissão, é importante que você saiba quais são as suas maiores qualidades, suas grandes habilidades e o que você valoriza.

Por quê? Bem, usar as suas características a favor do seu desenvolvimento profissional tornará o cotidiano mais prazeroso, favorecerá que você seja bem-sucedido e trará maior realização.

E como descobrir tudo isso? Segue uma dica:

Faça uma lista de suas maiores qualidades e habilidades pessoais.

Mantenha essa lista com você, leia e releia, busque outras qualidades e valores. Descubra-se, faça sua lista crescer!

POSTADO POR ANA LU







Caminhos diferentes

A semana tinha mesmo começado agitada: as provas mensais se aproximavam e todo mundo já estava ansioso. Cada prova parecia um simulado para o vestibular. Eu dizia a mim mesma que esse era um ano de concentração e muito foco, mas minha cabeça andava um pouco nas nuvens desde o começo do ano.

Primeiro, por não saber o que estava rolando entre mim e o Zeca, e segundo por não saber como as coisas iriam se desenrolar. E, para complicar ainda mais, eu me pegava pensando no Edu. Resumindo, era um rolo só!

Como eu estava insegura e perdida no meio de tanto sentimento, não telefonei para a Rê para contar, como faria com qualquer outro assunto; também não comentei nada na escola.

Mas a Renata era atenta e logo percebeu que tinha alguma coisa no ar.

Assim, num dia depois da aula, enquanto eu esperava o Caio para irmos para casa, ela veio gritando:

- Ana Lu! Conte-me tudo, não esconda nada!
- Contar o que, Renata?!
- Ana, eu te conheço... Vejo você e o Zeca mais próximos, mas você mais distante. O que está pegando?
- Rê, você não devia ser juíza, e sim psicóloga! Você é fogo, percebe tudo... Pois é isso mesmo... Eu e o Zeca nos aproximamos, mas eu não estou empolgada.





– Por quê? Você era louca por ele!

– Era... Sabe que eu estava feliz por ter ficado de novo com ele?

– O quê? Vocês ficaram? Como você não me contou! Nem um torpedinho sequer!

– Então, é porque não sei se estou curtindo. Estava rolando um clima, eu estava curtindo, mas, ao mesmo tempo, estava com medo de ser mais um ano incerto. E no meio disso tudo, apareceu outra pessoa.

– Outra pessoa? Parece novela!

– Mas é a pura realidade... Apareceu outra pessoa.

– Quem? Quem é, Ana? Fala!

– O Edu.

– Edu? Aquele Edu do seu clube?

– É, ele mesmo.

– Você e o Edu ficaram?

– Não, não ficamos. Nem perto disso. Mas, sei lá, acho que estou gostando dele.

– Amiga, quanta emoção!

Contei para ela sobre o domingo com o Zeca, como tinha sido gostoso, mas o quanto eu admirava o Edu, a visão objetiva que ele tinha, o jeito carinhoso dele... Eu gostava quando ele me chamava de "Bananinha"! A Renata estava absolutamente envolvida na minha "novela", quando o Bruno se aproximou.

– Olá, vestibulandas, como estão as meninas mais gatas da escola?

– Que inspiração é essa, Bruninho? – A Rê perguntou dando um abraço nele.





– Bruno, que bom te ver! Estive pensando em você – eu disse – Lembra que você comentou que ainda não tinha falado com seu pai sobre prestar vestibular para Música porque você achava que ele ficaria muito desapontado? Vocês conversaram? Qual foi a reação dele?

– Conversamos, Ana, e sabe que as coisas fluíram melhor do que eu imaginava? Ele foi receptivo, disse que respeitava a minha decisão, que era importante eu escolher uma carreira em que eu pudesse me sentir realizado. Mas também lembrou que o mercado de trabalho para músicos não é tão fácil, que terei que batalhar bastante no começo... mas que ele acreditava na minha realização e que eu poderia contar sempre com ele.

– Que legal, hein, Bruno! Um alívio e tanto, não?

– Nem me fala, Aninha.

Fiquei feliz pelo Bruno. Que bom que ele conseguiu conversar com o pai e teve seu apoio! Em seguida, foi a minha vez de comentar sobre meu programa de Orientação Vocacional.

– Eu ainda não sei pra que prestar, mas meus pais me incentivaram a fazer um programa de Orientação Vocacional, e tem sido bem legal.

– Mas o que você faz nesse programa? É um teste? – quis saber a Renata.

– Não, Rê, não tem nada a ver com testes. São várias atividades diferentes. Por enquanto, ainda não falamos muito sobre as carreiras; temos conversado bastante sobre a minha família, a minha história, sobre o que eu fiz e como me sinto em relação a tudo isso. A psicóloga falou que, antes de eu buscar informações sobre as possíveis carreiras, tenho que tomar consciência sobre diversos aspectos da minha personalidade, do meu comportamento, dos meus pontos fortes. Tem sido muito legal.

– E quanto tempo dura esse programa?





– São alguns encontros, e no último a psicóloga entrega um relatório sobre tudo o que conversamos e as carreiras sugeridas por ela e por mim.

– Nossa! Que poderosa!

– Não tira sarro, Rê. É um trabalho supersério, e eu estou gostando. Não tem nada a ver com mágica, não tem nada pronto. Eu e ela vamos trabalhando nisso juntas; como a Ruth diz, é um processo.

Tinha acabado de começar a contar sobre as atividades que fizemos nas sessões, quando o Caio se aproximou:

– Vamos, maninha, estou morrendo de fome. Sou capaz de devorar dois pratos de arroz e feijão, principalmente se for da Verusca.

A Vera, conhecida como Verusca, trabalha lá em casa há dez anos, e sua comida caseira é imbatível. Ninguém cozinha como a Verusca!

Fomos caminhando para casa em silêncio. O Caio, provavelmente pensando no almoço, e eu, nas escolhas e pessoas. Era curioso como cada um seguiria, em breve, caminhos tão diferentes.

De repente, fiquei triste. Lembrei-me do final do 9º ano, quando todo mundo estava pensando se ficaria na escola ou mudaria. E claro, algumas pessoas saíram. Então, ficava o medo de nunca mais ver os amigos. Mas aí descobri que a amizade não depende do lugar, e sim da nossa vontade de mantê-la.





CAPÍTULO 12

Meus interesses

Cheguei animada para a sessão. Pensar no vestibular e na faculdade estava tomando boa parte do meu tempo, e as sessões com a Ruth eram o momento que eu tinha para organizar todas essas ideias.

A Ruth me recebeu com o seu sorriso amável de sempre, mas em vez de sentarmos nas poltronas, como de costume, ela me convidou para sentarmos à mesa.

Sobre a mesa havia pastas coloridas. Olhei intrigada e acho que a Ruth percebeu, porque logo se adiantou dizendo:

– Já explico a você o que faremos com essas pastas. Mas primeiro quero que me conte o que tem pensado sobre a Orientação Vocacional.

– Eu tenho achado bem legal! Primeiro porque as coisas estão ficando mais claras, eu não tinha ideia dos meus pontos fortes. Na verdade, eu não tinha parado pra pensar dessa forma. Estou bem mais segura. Outra coisa legal é que não tenho me sentido mais angustiada. Estou superanimada para descobrir minha vocação!

– Ou suas vocações, Ana Luiza. Nós temos diversos interesses e curiosidades e, acima de tudo, estamos sempre em movimento, sempre mudando. Isso significa que algo que antes despertava nosso interesse e nos trazia satisfação, agora, talvez, não chame mais a nossa atenção e não tenha mais o mesmo significado. O





que ontem parecia curioso e instigante, hoje, pode parecer sem graça, mas amanhã pode voltar a ser interessante. Por termos essa capacidade de mudar várias e várias vezes, de termos interesse em diversos assuntos e disposição para diversas atividades, somos capazes de realizar inúmeras tarefas e de nos sentirmos gratificados por muitas delas, não tendo por isso uma única vocação.

– Nossa, Ruth, você pesca detalhes do que falamos. Tenho que tomar cuidado! Mas você tem razão. A gente fica apavorada achando que se não escolher “A” carreira, aquela X, não conseguirá ser feliz, mas de repente podemos ser felizes seguindo diferentes caminhos.

– Isso mesmo, Ana. Esse é o principal objetivo da Orientação Vocacional: descobrir suas maiores habilidades. Você percebe em quais delas provavelmente terá um bom desempenho e se sentirá realizada.

Eu apenas sorri. E Ruth continuou:

– Vamos à nossa atividade. Nessas pastas temos diversos artigos, mas não temos como ler todos agora, nem é essa a ideia. Mas procure ver pelo título e pelo subtítulo quais chamam a sua atenção, quais você gostaria de ler, caso tivesse tempo. Separe aqueles que te interessam e deixe na pasta os que não chamaram tanta atenção, ou não despertaram nenhum interesse.

Peguei as pastas e comecei a folhear.

“*Fôlego renovado*”... interessante.

“*Kibutz* em Wall Street***”... pode ser legal.

“*Raio X do investidor*”... leria.

*Kibutz: palavra de origem hebraica que designa comunidade israelense economicamente autônoma, igualitária e democrática.

Wall Street: nome da célebre rua onde está localizado o mercado financeiro de Nova York.

A expressão “Kibutz em Wall Street” faz menção às primeiras organizações geridas por Kibutz a terem ações na Bolsa de Nova York.





“A Nova Olimpíada Brasileira de Matemática”... de jeito nenhum.

“Tratamento de choque contra depressão”... sim.

“O jovem e a publicidade – Uma forte identidade”... com certeza.

“A energia nuclear e seu uso na sociedade”... não.

“Violência no Carnaval”... não.

“Inflação no mundo”... interessante.

“Velocidade da informação”... leria.

“A cidade no divã”... parece interessante.

“A nanotecnologia presente no dia a dia”... não.

“Entrevista com ambientalista”... leria.

“Ela calça estrelas”... não.

“Antiamericanismo, a Democracia e os Direitos Humanos”... interessante.

“O jovem atual”... leria.

“Cineasta Sydney Pollack morre aos 73 anos”... interessante.

Depois de separar diversos artigos, Ruth e eu começamos a conversar sobre os critérios que usei para escolher cada um deles, sobre o que havia chamado a minha atenção naquelas matérias.

– *Fôlego renovado*... escolhi porque fala sobre a importância de se praticar esporte. Hoje eu não pratico nada, mas nadei por muito tempo e acho que seria legal voltar a nadar. Quando vou ao clube e vejo toda a galera vestida com os uniformes do vôlei, basquete, futebol, judô, ou simplesmente correndo pelas alamedas, acho inspirador. Sinto uma vontade grande de voltar a praticar algum esporte. O máximo que faço é jogar um pouco de vôlei na





quadra de areia. O Edu adora vôlei de praia; sempre que me vê, ele me chama pra jogar com eles. É sempre divertido.

"Já o *Kibutz em Wall Street* me chamou a atenção porque um símbolo do igualitarismo estava agora vendendo ações na sede do capitalismo. Acabou o idealismo!

"*Raio X do investidor*. Hoje muita gente fala de investir na bolsa; com a economia mais estável, as pessoas conseguem ariscar mais.

"*Tratamento de choque contra a depressão*. Acho interessante esse tema. A mãe de uma amiga minha teve depressão e foi complicado, tanto para ela como para a minha amiga. As duas sofreram, mas a mãe buscou ajuda e ficou bem. Impressionante como os médicos e os psicólogos ajudaram!

"*O jovem e a publicidade – Uma forte identidade*. Essa eu escolhi porque acho impressionante o poder que a publicidade exerce sobre a gente. Para mim, principalmente se for comida. Tem vezes que desligo a TV com água na boca...

"*A inflação no mundo...* O que chamou a minha atenção foram os pequenos gráficos no final da página. Deu para ter uma ideia geral do que está acontecendo e de forma global. Achei bem legal!

"*A velocidade da Informação*. Esse me chamou a atenção porque me lembrei de uma entrevista que vi com um jornalista, em que ele dizia que a velocidade da troca de informação deixou o mundo plano, como se não houvesse mais barreiras culturais.

Assim fomos olhando e conversando sobre os artigos que eu havia separado e o porquê das minhas escolhas. Mundo... Relacionamentos internacionais... Análise geral... Cultura... Criatividade... Pessoas... Diferentes pontos de vista... Tudo aquilo fazia parte dos meus interesses, e eu, até então, não tinha me dado conta disso.



Assuntos em pauta

Tente responder sem pensar muito: quais são os seus maiores interesses? Você consegue identificar que assuntos prendem a sua atenção? E por que esses temas mobilizam você? Consegue identificar a razão dessas escolhas?

Nem sempre é fácil saber quais são os assuntos de preferência. Sabemos claramente o que gostamos de fazer no dia a dia e o que não achamos tão legal assim, mas eleger temas importantes e descartar outros não tão relevantes é uma tarefa que requer atenção.

Para você ter uma percepção maior de quais são os seus interesses, segue uma dica!

Ao ler ou folhear uma revista, note o que chama a sua atenção. Que artigos despertaram seu interesse e por quê. Sempre haverá no artigo selecionado alguma coisa que lhe motivou a lê-lo, ou, ao menos, selecioná-lo; procure reconhecer o que foi.

Identifique suas maiores motivações. São elas que vão alavancar sua escolha profissional!

POSTADO POR ANA LU







Aniversário em ano de vestibular

Dessa vez, saí da Orientação Vocacional pensando no final de semana: sábado seria o meu aniversário. Eu adoro comemorar aniversário, acho uma data festiva em que me sinto muito feliz. Mas, por ser ano de vestibular, não organizei grandes comemorações. Acabei convidando meus amigos mais próximos, meus pais, meus avós, tios e primos para irem à minha casa. Claro que, com todo esse número de pessoas, a noite se tornou uma grande festa!

Eu fiquei muito em dúvida se convidava o Zeca para vir ou não. Não queria que rolasse nada na frente da minha família. Mas, por outro lado, ele é parte da galera e ficaria bem magoado comigo se eu o deixasse de fora. Então, o Zeca entrou na lista de convidados.

Quería chamar o Edu. Fazia alguns dias que a gente não se falava, e eu estava com saudades dele. Mas não estava chamando ninguém do clube e ficaria mesmo esquisito se só ele viesse. Contudo, não era nenhum grande problema, meu dia não perderia a graça pela ausência do Edu.

Só tinha uma pessoa que não poderia faltar, por mais estranho que o clima pudesse ficar, e essa pessoa era o meu pai. Eu não abriria mão da presença dele, mesmo que minha mãe ficasse um pouco incomodada. Mas ela não chegou a sugerir o contrário, ela sabia que a presença dele era importante para mim.





Logo chegou o sábado e com ele, um belo dia de sol. Saí com a minha mãe para comprar refrigerantes e alguns salgadinhos para servir de aperitivo. De resto, tínhamos encomendado mini-sanduíches e um bolo. Voltando do supermercado, entrei no meu Facebook. Havia várias mensagens dos meus amigos. Como eu gostava do meu aniversário!

Organizamos a sala, arrumamos a mesa, tomei um banho e coloquei um vestido novo, comprado especialmente para aquela noite.

Meu pai foi o primeiro a chegar, e foi muito bom porque eu acabei não ligando para ele para contar sobre a minha sessão com a Ruth naquela semana.

Primeiro ele me deu meu presente: um iPod. Como eu queria um! Eu ainda não tinha, e a maioria dos meus amigos já tinha o seu. Eu tinha um celular – e olhe lá! Mas agora eu podia baixar as minhas músicas preferidas, fotografar, filmar... Que TUDO era esse brinquedinho!

Depois de agradecer infinitas vezes e dizer como eu estava empolgada com o meu presente, sentamos pra conversar um pouquinho. Falei sobre os artigos que tinha escolhido, e o engraçado foi que até ele se surpreendeu com as minhas escolhas. Desconfio que ele não me achava tão interessada nas coisas assim!

O pessoal chegou logo depois e a noite estava bem animada. Pouco antes de colocarmos o bolo, tocou a campainha e eram três trovadores. Eles entraram na sala, me entregaram uma rosa e fizeram uma serenata. Eu fiquei absolutamente sem graça. De quem teria sido essa ideia? Isso é coisa que se faça com uma aniversariante?!

Depois de tocarem aproximadamente dez músicas e aplaudirmos, eles disseram que a serenata tinha sido oferecida pelo Zeca.

Concordo que foi gentil e romântico, e um ano atrás teria me deixado derretida, mas agora achei um baita mico. Nem curto





tanto assim essas músicas de MPB. Bem que a serenata podia ter sido oferecida pelo meu pai para a minha mãe... Ela cantou e se emocionou com todas as músicas.

Mas tive que dar um abraço nele e agradecer-lhe, ele aproveitou pra me deu um beijo e disse:

– Feliz aniversário, Aninha! Todos na sala suspiraram em coro: “Aaaahhhhh”. E a única coisa que eu consegui pensar foi: *Ainda bem que o Edu não veio...*

Acho que ficou na cara que não achei essa serenata a coisa mais divertida do mundo, e o Zeca ficou bem aborrecido porque não correspondi à emoção da sala, tampouco ao beijo que ele me deu. Ele me chamou de lado.

– Ana, parece que você não se empolgou com a surpresa que eu fiz.

– A surpresa foi linda, Zeca, mas, sinceramente, fiquei bem constrangida com a situação. Eu não tinha comentado com os meus pais que a gente estava saindo. E, na cabeça deles, isso tudo vai significar que a gente está, não só saindo, como também namorando. E para os meus avós, então, que a gente vai casar.

– Ué, não seja por isso! Vamos resolver o problema dos seus pais agora mesmo. Aninha, você quer namorar comigo?

– Ah, Zeca. Não é assim... Não. Não sei...

– Argh... essa doeu. Isso não foi nem balde de água fria, foi um balde de gelo mesmo.

– Desculpa. Eu adoro você, gosto quando a gente fica junto, mas esse ano é ano de vestibular, e o meu foco é estudar. Já não está sendo fácil estudar para alguma coisa que nem definida está. Você sabe que estou preocupada com a minha escolha profissional, com as provas no final do ano. Não estava pensando em namorar.

– Bom, Ana Luiza, eu te peço desculpas, não queria que você se sentisse constrangida. Foi essa a palavra que você usou, não foi? Constrangida. Aproveita, então nos seus estudos, já que eles





são tão mais importantes: constranger – verbo transitivo direto. E aproveita essa também: ir – verbo intransitivo. Fui!

O Zeca ficou possesso e saiu sem falar com ninguém. Eu achei bem grosseiro. Ele que tivesse pensado melhor na surpresa antes de fazê-la! Ele optou por arriscar; podia ter dado muito certo e podia ter sido um tiro pela culatra, como foi.

Mas esse é o Zeca: tudo sempre do jeito dele. Só fica quando quer ficar, só namora quando quer namorar. Mas agora as coisas estavam diferentes.

Ele me deixou magoada porque o clima da minha festa ficou estranho. Todo mundo percebeu que rolou um estresse entre a gente. Mas tinha um lado meu que sentia alívio. Eu não estava gostando dele como gostava antes, e várias vezes já me peguei pensando no Edu.

Como a vida é engraçada! Passei o ano anterior louca para namorar o Zeca, e agora, quando tudo acontece, não tenho mais o mesmo desejo.

De qualquer forma, não tinha como negar: foi um aniversário intenso em ano de vestibular!





Sessão em grupo

A sessão dessa semana seria em grupo e teria duração de duas horas. Ruth queria que conhecêssemos outros adolescentes que estavam fazendo Orientação Vocacional. Ela disse que no grupo é possível trocar ideias com pessoas que estão passando pela mesma situação e se enriquecer com a troca de informação. Eu confesso que estava com receio. Ter que falar sobre as minhas coisas para um monte de gente desconhecida não me parecia a coisa mais agradável.

Fui a segunda a chegar. Ao entrar na recepção do consultório, reparei que a porta da sala da Ruth estava aberta e tinha uma garota sentada em uma das poltronas. Entrei e sentei no sofá. Falamos um “oi” e ficamos em silêncio. Logo depois chegou um garoto. E, em seguida, mais um menino e uma menina.

Estávamos em cinco quando Ruth entrou na sala, fechou a porta, cumprimentou a gente e pediu que nos apresentássemos.

A primeira a falar foi uma das meninas, chamada Maria Rita. Disse que tinha dezessete anos, estava no 3º ano e estava, a princípio, dividida entre Medicina Veterinária e Zootecnia. Na hora achei as duas profissões interessantes; bicho de grande porte... criação... Que coisa diferente! Eu nunca teria pensando nisso.

Em seguida, foi a minha vez. Disse o meu nome, a idade e que, ao contrário da Maria Rita, eu ainda não tinha conseguido me decidir entre duas profissões; para falar a verdade, entre nenhuma profissão.





Na sequência apresentou-se o Leonardo, que tinha acabado de voltar de um intercâmbio nos Estados Unidos e que, como eu, não tinha ideia do que queria prestar – o que me deixou bastante aliviada, afinal, eu não era a única nessa situação! Já a Letícia, que falou em seguida, pensava em Matemática, talvez Biomedicina, mas estava se sentindo muito insegura porque não conseguia definir a razão dessas escolhas.

A apresentação do Paulo, que falou depois da Letícia, me surpreendeu. Ele era alto, magro e tinha um sorriso cativante. Contou que pensava muito em estudar Ciências Sociais, mas tinha dúvidas quanto ao mercado de trabalho. E trabalhar para ele era crucial, inclusive ele já trabalhava como *office boy*. Sua família não tinha o mesmo poder aquisitivo do restante daquele grupo, mas Paulo não se intimidava: era seguro e articulado. Disse que, com o dinheiro que ganhava em seu trabalho, ajudava a família, que era feirante. Então, contou que economizava o dinheiro do ônibus caminhando longas distâncias para poder comprar o jornal do dia. Fiquei impressionada. Que garoto interessado! Eu não tinha mais dúvidas, ele devia fazer Ciências Sociais!

Assim que o Paulo terminou de falar, entrou na sala um outro garoto. Com cara de perdido e esbaforido, o Rafael foi o último a se apresentar. Era também o mais velho do grupo, tinha dezenove anos. Estava na metade do segundo ano de Engenharia, mas não estava gostando, por isso, buscou a Orientação Vocacional, pensando em prestar outro vestibular. Achei bem corajoso largar Engenharia para começar tudo de novo.

A Ruth entregou a cada um dos participantes uma série de cartõezinhos, que chamou de “critérios de escolha profissional”. Deveríamos separar os cartões que representassem o que gostaríamos de encontrar em nosso cotidiano profissional. Alguns cartões estavam em branco, e neles poderíamos adicionar outros critérios.

Comecei a passar os cartõezinhos.





Horário flexível; estabilidade financeira; crescimento pessoal; solidariedade; aventura; reconhecimento; status...

Em seguida, os reparei:

Horário flexível: não faço questão.

Estabilidade financeira: essencial.

Crescimento pessoal: sem dúvida, sim.

Solidariedade: não necessariamente no trabalho.

Aventura: não.

Reconhecimento: sim.

Sucesso: em que sentido? Não sei, acho que sim.

Status: não.

Continuei separando até ter dividido a pilha em dois novos montinhos.

Fui a segunda a terminar. Esperamos que todos tivessem concluído para darmos continuidade à atividade. O Leonardo foi o último. Notei que ele escrevia nos cartões em branco; foi o único a fazê-lo.

Ruth, então, pediu que todos comentassem os critérios de escolha.

Comecei explicando o porquê de cada cartão:

– Não selecionei “solidariedade”. Não faço questão de ter um trabalho que necessariamente seja solidário. Posso ser solidária e ajudar o próximo no meu dia a dia, fora do trabalho. Por outro lado, quero uma profissão que me dê “estabilidade financeira”...

Logo o Leonardo me cortou:

– Que ganhar dinheiro, né? Bem espertinha!

Todo mundo riu, mas não dei bola para o comentário. Talvez ele tivesse uma certa razão.





– Ok, Leonardo, confesso: não tenho medo do mercado. Se for para fazer, que se faça bem feito, certo? Quero retorno pela minha dedicação.

– Uau! Temos uma jovem capitalista! Taí, Ruth, gostei dela. Mina inteligente!

Esse Leonardo estava se mostrando um pouco folgado, mas ainda assim não pude esconder meu sorriso. Ele era engraçado!

Continuei explicando os critérios que eu tinha separado. Logo depois foi a Maria Rita que, como eu, buscava estabilidade financeira. O Léo tinha razão: todo mundo quer ganhar dinheiro. É claro, ninguém quer depender dos pais para o resto da vida. Maria Rita continuou colocando seus critérios e suas razões.

O próximo foi o Léo. Já dava para imaginar o que ele iria colocar:

– Sucesso, reconhecimento, prestígio só para começar!

Novamente a sala caiu na gargalhada!

– Lógico que, como a Ana Luiza, eu também quero ganhar o meu dinheiro. Por fim, usei o cartão em branco porque senti falta de um critério.

– Qual? – Perguntou a Ruth.

– Empregabilidade.

– O que você quer dizer com isso? – Quis saber a Letícia, e todos nós.

Léo então explicou o que tinha pensado.

– Eu quero seguir uma carreira cuja entrada e movimentação no mercado de trabalho seja fácil. Por exemplo: a Maria Rita está dividida entre Zootecnia e Veterinária. Será que essas são carreiras que têm uma boa empregabilidade? Será que não seria melhor fazer Agronomia? Não daria a ela uma gama maior





de oportunidades de trabalho? Onde estão os empregos para o zootecnista e onde estão os empregos para os agrônomos?

Ficamos em silêncio, e logo a Ruth interveio.

– Leonardo, realmente a empregabilidade é um aspecto importante. Algumas profissões têm uma absorção maior pelo mercado de trabalho do que outras. Para usar o seu exemplo, a Zootecnia está com o mercado de trabalho mais aquecido na região centro-oeste do país, onde a produção animal é intensa. Já o agrônomo, além de estar presente no campo, está nos centros urbanos, atuando nas indústrias e no comércio de produtos de origem animal, ou na produção agrícola. Mas nada impede que um zootecnista também trabalhe na indústria, nos centros urbanos.

Ruth continuou:

– Agora, temos que pensar que as próprias carreiras são mutáveis, exigindo aptidões e pré-requisitos profissionais que variam de acordo com as transformações socioculturais e o avanço da tecnologia. Com isso, até a empregabilidade varia com o período que estamos vivendo. Não é sem razão que, frequentemente, surgem novas carreiras, ocupações e especializações. Portanto, a escolha profissional e o desenvolvimento da carreira não são estáticos, e não há uma resposta única para eles. O importante é que as escolhas estejam sempre alinhadas com as individuais. Mas, Leonardo, sem dúvida, investigar o que você chamou de empregabilidade, ou seja, o mercado de trabalho para cada profissão cogitada, é muito importante.

A Letícia, que era a mais quieta do grupo, comentou:

– Ruth, pensando nisso que vocês colocaram sobre a empregabilidade, eu terei de ponderar quais são as profissões que poderei estudar aqui e ter habilitação para exercer fora do país. Penso em morar fora, é um dos meus projetos de vida. Isso também é empregabilidade, não é?





– Claro, Letícia, e vai um pouco além. Você não só irá investigar o mercado de trabalho, mas também a legislação vigente do país em questão. Certas profissões em alguns países precisam de equivalências; outras, como o Direito, são extremamente específicas.

Com o passar da sessão, todo mundo acabou ficando mais à vontade para comentar o que era colocado, e terminamos numa grande e proveitosa discussão.

A Ruth estava mesmo certa ao agendar essa sessão em grupo. Foram duas horas muito produtivas, e descobri coisas novas e até surpreendentes a meu respeito...

Foi legal também conhecer pessoas diferentes, porque estou acostumada sempre com os mesmos grupos: colégio, prédio, clube... clube, prédio, colégio! Uma pena que não teríamos mais sessões juntos, mas ficamos de adicionar uns aos outros no Facebook.





CAPÍTULO 15

Descuidos perigosos

Eu tinha notado que desde cedo a Renata estava muito calada. Quando ela chegou ao colégio, disse apenas um “oi” e já foi para a sala. Não estava para muito papo. Durante as aulas, percebi que ela estava longe, dispersa.

Aproveitei o intervalo e fui falar com ela:

– Rê, o que está acontecendo? Você está muito estranha. Estranha mesmo.

– Ai, Ana Lu, não sei como te contar, mas preciso desabafar com alguém! Estou sufocada... Mas, por favor, não conta pra ninguém.

– Claro que não vou contar, Rê. O que está acontecendo?

– É muito íntimo. Você tem que ser discreta. Estou desesperada.

– Rê, você está me deixando assustada...

– Ana, minha menstruação está atrasada há quatro dias. Estou muito nervosa. Pra falar a verdade, estou apavorada!

– Caramba, Rê! Que coisa! Não acredito. Mas vocês dois, puxa vida... Vocês não se cuidaram?

– Mais ou menos – a Rê disse com um fio de voz.

– Como mais ou menos? Rê, sei que você não quer levar bronca, mas com tanto método contraceptivo... E o João Pedro é quase médico. Que você pise na bola já é mancada, mas ele?





– Ana, não sei como foi acontecer... Foi só uma vez sem camisinha.

A Rê ficou com os olhos cheios de lágrimas, e aí percebi que eu tinha pegado um pouco pesado.

– Rê, me desculpe. Sei que você sabe que vocês vacilaram, e a última coisa que você precisa é dessa bronca. Mas agora você tem que ter calma, amiga, pode ser apenas um atraso. Você falou com o João Pedro?

– Não, não fiz nada... não falei com ninguém, nem com o João.

– Você tem que falar com o João Pedro.

– Ele está viajando, foi a um congresso fora da cidade. Só volta daqui a dois dias. Vou esperar ele voltar. Não sei o que fazer! Tenho até medo de fazer exame de farmácia e dar positivo.

– Mas você tem que saber, Rê.

– Não consigo. Vou esperar pelo menos esses dois dias. Até ele voltar...

– Se você quiser, fico ao seu lado enquanto você faz o teste. Mas procura ficar tranquila... você não sabe se está grávida.

– Vou tentar... Estou pensando numa vizinha minha. Hoje ela tem a nossa idade, mas aos quatorze anos ela engravidou. Ficou completamente perdida, e, para piorar, o namorado dela estava com o intercâmbio marcado para os Estados Unidos. Então, quando o bebê nasceu, ele nem estava perto. Foi complicado para a minha vizinha. Ela ficou bem abalada. Sorte que a mãe dela é uma pessoa incrível e deu todo o apoio. Mas, mesmo assim, não foi nada fácil... Hoje ela está feliz, o bebê dela é lindo, se chama Guilherme. Ela e o Ricardo não estão mais juntos, mas ele é um paizão para o Guigui; está sempre lá no prédio. Mas não foi fácil pra ela.

– Posso imaginar o que tenha sido. Já pensou você com um Joãozinho? Que fofo que ele ia ser! Ele ia ter os seus olhos!

Na hora começamos a rir, mas logo em seguida a Rê cortou.





– Ana, nem brinca! Nem brinca.

– Desculpa. Você quer que eu fique com você hoje à tarde?

A Rê preferiu ficar sozinha. Então, terminadas as aulas, fui para casa. O Caio tinha ido para a casa de um amigo, e eu não tinha mais a companhia do Zeca. Ele e eu praticamente não nos falávamos desde o meu aniversário. Ele ainda estava bem chateado comigo.

Por sorte, o Zeca andava muito ocupado, e quase não nos cruzávamos na escola. Diariamente ele ia para a casa do Rodrigo ensaiar. Eles tinham uma banda desde o primeiro ano, e o Zeca era o baixista. Todo ano, antes do FAM – Festival de Artes e Música do colégio – era a mesma coisa: uma imersão total nos ensaios.

Nos FAMs sempre há apresentações de teatro, coral, bandas e exposição de pinturas. O colégio oferece diversos ateliês e aulas voltadas às artes, mas eu não participava de nenhum. Acho que nasci desprovida de dons artísticos, por isso, nos FAMs minha única participação era como fã!

Então, lá estava eu, sozinha em casa, no final da tarde, aproveitando para baixar algumas músicas no meu iPod novo e pensando na Renata.

Como ela pôde bobear daquele jeito, grávida aos dezessete anos? Se ela estiver mesmo grávida, aos trinta e quatro anos ela terá um filho da nossa idade. Que loucura, minha mãe tem quarenta e quatro! Dez anos a mais do que a Renata teria!

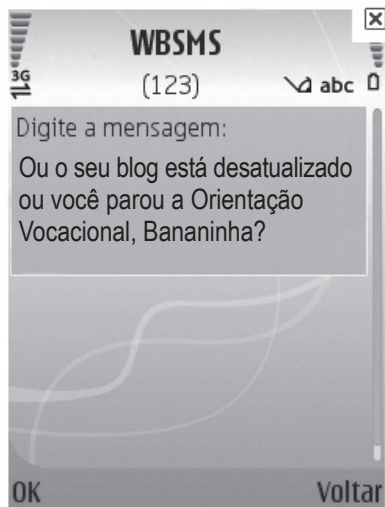
Mas eu não podia culpar a Rê. São tantas as coisas que passam na nossa cabeça... Não sabemos direito o que pensar, ficamos com preocupações bobas, como: “Será que ele acha meu corpo bonito? Sou tão magra” ou “será que ele vai contar para todos os amigos? Vou morrer de vergonha”, e com isso deixamos de lado a nossa proteção.

Eu estava absorta nesses pensamentos sobre a gravidez e a pisada de bola por puro descuido, quando meu celular tocou. Levei um susto, eu estava tão longe...





Era o Edu.



Dei risada. Era verdade. Não tinha atualizado meu site com a sessão em grupo, e o meu fiel seguidor já me cobrava.



Crítérios de escolha

Por que escolhemos ir ao cinema, e não ao teatro? Por que escolhemos usar uma roupa, e não a outra? Por que escolhemos estudar em determinada escola, e não em outra? Em todas as escolhas que fazemos usamos algum critério. Pode ser uma escolha simples ou alguma mais importante, mas elas são sempre feitas, ou pelo menos deveriam ser, com base em algum critério.

Com a profissão não pode ser diferente: não se deve escolher uma profissão ao acaso. Para decidir sua carreira, você precisa ter critérios.

Como assim? Você tem que conseguir avaliar o que você gosta, o que é importante para você e tentar identificar em que carreiras encontrará esses valores.

Procure fazer um exercício imaginando o que você espera encontrar em seu cotidiano profissional. Você deve pensar no que seria importante no seu dia a dia.

Você busca uma carreira que permita flexibilidade de horário?

Gostaria de poder viajar a trabalho ou, ao contrário, prefere não ter que sair de sua cidade?

Ambiente competitivo te estimula ou te intimida?

A solidariedade deve estar presente no seu cotidiano profissional?

Certas profissões favorecem alguns desses critérios, enquanto outras contribuem para outros aspectos. Por isso, é importante que você saiba quais são os seus critérios antes de analisar as possíveis carreiras.

POSTADO POR ANA LU







Do virtual ao real

Era sábado de manhã, e eu acordei pensando na Rê. Ela não havia ido à aula na sexta-feira, nem tínhamos nos falado. Será que ela estava bem? Será que estava grávida? Liguei para ela.

– Oi Rê, como você está?

– Tensa, muito tensa.

– Ainda não fez o exame?

– O João chegou ontem, e eu contei pra ele. Fomos à farmácia e compramos um exame, mas ele veio com defeito: a fita estava descolada. O João ficou bem nervoso e pediu a um médico conhecido um exame de sangue. Fomos ao laboratório, e fiz o exame. Ele achou melhor assim, porque podíamos ficar desconfiados do resultado do exame da farmácia. Ele disse que o negativo é negativo mesmo, mas à vezes pode dar um falso positivo. Quer dizer, é raro, mas pode acontecer. O resultado sai hoje. Não tive coragem de olhar. Ele ficou de acessar o site do laboratório e me ligar. Mas ainda não me ligou. Estou que não me aguento.

Eu suspirei.

– Que tensão, Rê. Me dá notícias depois. Estou preocupada com você.

– Pode deixar, amiga.

Desligamos, e pouco depois meu celular tocou. Não reconheci o número.





– Esse negócio de falar só virtualmente com a minha Bana-ninha já cansou.

– Edu! Não reconheci o número. É da sua casa?

– É sim, liguei do fixo. Ana, faz tanto tempo que a gente não se vê... Almoça comigo no clube?

– Fechadíssimo. Lanchonete do tênis?

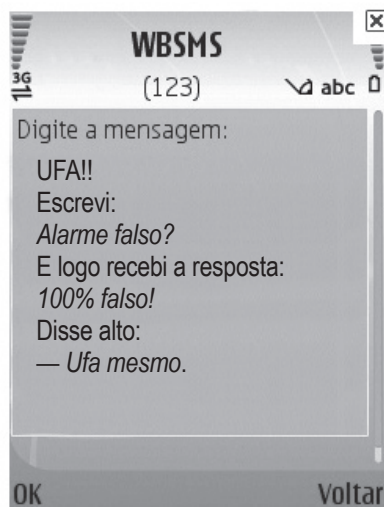
– Marcado! Uma e meia lá?

Que convite mais inesperado e irresistível!

A lanchonete estava cheia, como sempre, mas logo conseguimos sentar e engatamos o maior papo. Falamos de faculdade, da galera do clube que a gente não encontrava havia um bom tempo, de viagens. A tarde ia avançando sem a gente perceber. Encontramos mais alguns amigos, e nossa mesa também foi crescendo. Fazia tempo que eu não tinha uma tarde tão gostosa...

Já estava escurecendo, e eu começando a me despedir quando meu celular apitou. Era a Renata.

Fiquei tensa e pulei em cima do celular. Abri a mensagem e, em letras maiúsculas, estava:





O Edu me perguntou o que era, e eu contei a história para ele. Nisso rolou mais uma hora de bate-papo e discussão sobre a gravidez na adolescência.

Eu iria pegar um ônibus para casa, mas o Edu me ofereceu carona. Aceitei a oferta na hora, porque, além de ir muito mais rápido e confortável, ainda tinha a companhia dele.

Quando parou na frente do meu prédio, ainda conversamos mais um pouco. No momento em que a gente ia se despedir, ficou um silêncio, um clima estranho. Eu fiquei bem sem graça. Então, tasquei um beijo na bochecha dele e, abrindo a porta do carro, disse apenas:

- Valeu, Edu, pela carona e pela companhia, é claro.
- O dia foi muito bom, Bananinha.

Entrei no prédio sorrindo. Tinha sido mesmo um bom dia, um sábado gostoso que voou.

Ainda era cedo, e resolvi entrar no meu e-mail. Fiquei com vontade de escrever para a Renata.

The screenshot shows a Hotmail email interface. At the top, there are navigation options: "Novo", "Responder", "Responder a todos", "Encaminhar", "Excluir", and "Lixo Eletr". On the left, there is a sidebar with "Caixa de Entra..." and a list of folders: "Pastas" (Lixo, Rascunhos, Enviados, Excluídos, referencias, Nova pasta), "Visualizações rápid..." (Sinalizadas, Fotos (1)). The main content area shows an email with the subject "RES:" and a description "Para ver mensagens relacionadas a esta, agrupar mensagens por conversa." The sender is "Ana Lu" with the subject "Para 'Rê'". The email body reads: "Rê, querida amiga, Sei que o susto foi grande e espero que você esteja mais tranquila. Hoje me passou pela cabeça quantas coisas sem importância pensamos na hora 'H' ou, então, simplesmente não pensamos... Acabamos deixando de lado o mais importante, que é a nossa segurança. Amiga, o susto não foi só com vocês. Fiquei apreensiva só de imaginar, e isso me fez abrir os olhos. Não podemos bobear assim, é mancada das brabas. Mas que bom que deu tudo certo e que eu ainda não serei 'titia'! Fica bem, Rezinha! Bjks, Ana Lu".





A Renata me respondeu no domingo:

Hotmail

Novo | Responder | Responder a todos | Encaminhar | Excluir | Lixo Eletr

Caixa de Entra...

- ▲ Pastas
 - Lixo
 - Rascunhos
 - Enviados
 - Excluídos
 - referencias
 - Nova pasta
- ▲ Visualizações rápid...
 - Sinalizadas
 - Fotos (1)**

RES:
Para ver mensagens relacionadas a esta, agrupar mensagens por conversa.

▣ Rê
Para 'Ana Lu'

Aninha,

Também fiquei bem angustiada com tudo isso.

Primeiro foi a possibilidade da gravidez. Mas depois, comecei a ficar encanada e apreensiva, pensando se eu poderia ter alguma doença. Claro que confio no João, mas, sendo bem pragmática: confiança não é prevenção!

Fiquei sem graça de falar isso pra ele porque achei que ele pudesse se ofender. Mas divido com você, amiga, porque é um assunto sério, que faz pensar, mas também tem que fazer agir.

Precisamos ter cuidado para não vacilar!

Foi bom receber sua mensagem, Ana. Poder falar um pouco mais sobre tudo isso e, principalmente, saber que minha amigona está do meu lado pro que der e vier. Valeu!

Bom domingo... e até amanhã cedo (na aula de matemática...),

Bjs, Rê





Novas descobertas

– **S**ou mesmo uma jovem capitalista!

Foi assim que comecei a minha sessão seguinte com a Ruth.

– Como assim, Ana Lu? – Perguntou a Ruth dando risada.

– Ruth, aquela sessão em grupo foi mais produtiva do que eu imaginava. Confesso: estava achando que ia ser uma roubada, que eu teria de falar com um monte de gente desconhecida e que não teria nada a ver, mas foi surpreendente! O Leonardo foi polêmico, mas me ajudou. Com os comentários do grupo, principalmente do Léo, percebi outras coisas a meu respeito.

– Que bom! Essa era a proposta da sessão. Conta um pouco mais sobre as suas descobertas... O que você percebeu a seu respeito? – pediu a Ruth.

– Então, percebi que não tenho medo do que me espera. Se eu tiver que entrar no mundo corporativo, entro sem problema. Quero ser reconhecida pelo meu trabalho e quero ter retorno financeiro. Quero uma profissão que tenha uma boa – como diria o Léo – empregabilidade. – Fiquei meio sem graça. – Estou me sentindo uma mercenária ao dizer tudo isso, Ruth.

– Ana Luiza, que bom você ter percebido esses aspectos! E não se sinta mal ao dizer tudo isso. Você não é mercenária. São apenas características de um perfil mais competitivo. Você tem, entre outras qualidades, a segurança e a disponibilidade necessárias para atuar em corporação. E não é vergonha alguma





querer ser reconhecida e ter retorno pelo seu trabalho. Nada mais justo, não é mesmo?

– É verdade. Não quero escolher uma carreira exclusivamente porque me fará ganhar dinheiro ou ter estabilidade financeira, mas, dentre os critérios, esse é um aspecto que também levarei em conta. Pensando em tudo isso e no que já conversamos anteriormente sobre o meu perfil, tenho pensado numa carreira. É a primeira vez que penso em uma profissão especificamente. Também consegui excluir algumas áreas, como a da saúde e veterinária.

– No que você tem pensado?

– Pensei em Economia. O que você acha?

– Acho que vem ao encontro do seu perfil, Ana. É uma profissão que permite uma atuação ampla, seja como consultora, ou como funcionária de uma corporação. Você é uma pessoa que tem uma excelente capacidade analítica, interesse pelo mercado internacional, é perspicaz, tem uma boa capacidade de planejamento. Além de ter esse lado competitivo que acabamos de comentar.

Eu sabia que eu ia me dar conta de algumas características mais marcantes da minha personalidade, de qualidades e habilidades pessoais que me passavam despercebidas, e que íamos chegar a possíveis profissões, mas eu não tinha ideia de em qual momento e como isso iria acontecer. E agora aconteceu de forma tão natural que consigo até enxergar meu futuro dia a dia.

Eu estava mesmo empolgada e falei praticamente a sessão inteira.

– Não que eu esteja certa de que prestarei vestibular para Economia, mas já vejo como possibilidade. Agora, quando me perguntarem “Pra que área você vai prestar?”, posso responder: “Estou pensando em Economia”!

Caí na gargalhada.





– Não que essa seja a minha preocupação, Ruth. Claro que não estou angustiada porque não sei o que dizer aos outros. Mas, realmente, hoje estou me sentindo mais segura.

– Fico feliz que você esteja se sentindo assim, Ana. Temos mais três sessões que ajudarão a fechar esse processo.







CAPÍTULO 18

Evitando equívocos

Os dias voaram. Tinha se passado só uma semana desde que estive com o Edu no clube, mas a sensação era de que tinha se passado um mês porque eu sentia saudades dele. É engraçado, mas passei a semana toda pensando nele, porém não nos falamos. Ele não mandou nenhuma mensagem, nem eu me manifestei também. A última sessão com a Ruth tinha sido bem introspectiva, e não senti vontade de compartilhar no blog. Achei que o Edu fosse mandar alguma mensagem cobrando, mas não rolou. Não mandou nada e ficou por isso mesmo.

Fiquei um pouco aflita porque queria vê-lo novamente, queria repetir a dose do sábado passado. Mas esse sábado começou bem diferente...

Logo cedo fiz um “programa de menina”, como eu e minha mãe chamamos. Fomos ao cabeleireiro: cabelo, mão, pé e depilação! Tratamento completo! Saindo de lá, minha mãe me deixou no clube para eu encontrar meu pai e o Caio, que tinham passado a manhã jogando tênis e, obviamente, não entendiam como podíamos desperdiçar um dia de sol em um salão de cabeleireiro.

Chegando ao clube, procurei rapidamente pelo Edu, mas não o vi. Eu queria almoçar lá mesmo. Quem sabe eu acabaria cruzando com ele?! Mas meu pai foi categórico: queria nos levar a um lugar que tinha acabado de inaugurar. O restaurante era a céu aberto, em uma área grande e arborizada. Estava todo mun-





do de bom humor; conversamos bastante e demos muita risada. Quando estávamos na sobremesa, o Caio perguntou:

– Você ainda vai à psicóloga?

– Vou, estamos na reta final do programa.

– Mas é tão difícil assim para você escolher uma profissão? Eu, por exemplo, já sei: vou ser engenheiro civil e trabalhar com o papai.

– Não, Caio, não é nada disso. Não estou fazendo Orientação Vocacional porque acho difícil escolher a carreira, e sim porque quero ter segurança na minha escolha.

Meu pai acrescentou:

– Caio, a escolha da carreira acontece geralmente quando ainda somos muito jovens e temos pouca maturidade para esse passo. Nem sempre sabemos como, de fato, essa escolha acontece. Muitas vezes acabamos escolhendo uma profissão utilizando critérios aleatórios, como, por exemplo, corresponder às expectativas da família, influência de um amigo, ou simplesmente porque “levamos jeito” para determinada profissão... Quantos equívocos sobrevêm daí, meu filho... Escolhas com esses critérios podem acabar em frustração. Por isso, é importante dar uma atenção especial à escolha profissional. Até mesmo você, Caio, terá de pensar nisso quando estiver se aproximando do vestibular. Tente descobrir qual a razão que te leva a querer fazer Engenharia Civil. Não pode fazer Engenharia simplesmente porque eu fiz.

O Caio ficou calado, e eu também. Estava admirada com as palavras do meu pai. Quanto discernimento! Esse era o meu pai, seguro e determinado em suas convicções.





CAPÍTULO 19

Bate-papo com profissionais

A semana voou, e lá estava eu no consultório da Ruth para mais uma sessão. Eu estava muito animada depois da minha descoberta. Seria eu uma futura economista?

– Ana Luiza, hoje a sessão será baseada em uma atividade.

Eu assenti com a cabeça, e a Ruth continuou.

– Imagine que você está em uma festa e que, nela, há convidados das mais diferentes áreas de atuação. São muitos convidados, e você não tem como conversar com todos. Então, você precisará selecionar aqueles com quem você realmente quer trocar uma ideia. E um de seus critérios de escolha tem de ser a carreira, mas pode haver outros critérios também. Você quer aproveitar a festa para tirar dúvidas e fazer perguntas específicas a esses profissionais. Vou lhe entregar uma cópia da lista de convidados para você fazer sua seleção. Veja quem você selecionaria, por que os escolheria e que perguntas farias a cada um. Pode assinalar um “X” ao lado do convidado selecionado.

Então, peguei a lista e comecei.

LISTA DE CONVIDADOS

| | |
|---|--|
| X | <i>Médico, 46 anos, cirurgião plástico, casado, sem filhos.</i> |
| | <i>Bibliotecária, 35 anos, atua em uma biblioteca escolar, casada, um filho.</i> |





| | |
|---|--|
| | <i>Geólogo, 28 anos, atua em consultoria ambiental, solteiro, um filho.</i> |
| X | <i>Fisioterapeuta, 55 anos, tem consultório particular, divorciada, dois filhos.</i> |
| X | <i>Administrador, 40 anos, atua na tesouraria de um banco, casado, dois filhos.</i> |
| X | <i>Especialista em Turismo, 27 anos, atua como guia internacional, solteira.</i> |
| | <i>Físico, 59 anos, pesquisador, casado, três filhos.</i> |
| X | <i>Produtora de eventos, 42 anos, divorciada, sem filhos.</i> |
| | <i>Fonoaudióloga, 34 anos, trabalha em consultório particular, solteira.</i> |
| X | <i>Engenheira química, 45 anos, atua na indústria, casada, dois filhos.</i> |
| X | <i>Economista, 26 anos, atua em banco de investimento, solteiro, sem filhos.</i> |
| | ... |

A lista tinha duas páginas. Li aos poucos e assinalei os mais diferentes profissionais, oito ao todo.

– Agora me conta com quem você escolheu conversar e por quê.

– Bom, algumas pessoas que eu escolhi são de áreas que não cogito seguir, mas que chamaram a minha atenção pelo cotidiano deles, e outras têm carreiras que me atraem. Por exemplo: o médico. Não penso em Medicina, mas ele é um cirurgião plástico, e imagino que tenha uma rotina puxada. Então, queria perguntar como ele faz para conciliar a correria da profissão com a vida de casado. Se tivesse clima, perguntaria por que ele não teve filhos, se foi por causa de uma possível rotina agitada com pouco tempo livre.





"Para a fisioterapeuta, eu perguntaria se, depois de tantos anos de formada, imaginando que ela tenha se formado ainda jovem, ela se sentia realizada e se, em algum momento, questionou a si mesma sobre ter escolhido a carreira certa.

"Selecionei também o administrador. Ele trabalha em banco, e eu queria saber como é a rotina bancária. Também faria a mesma pergunta em relação a conciliar a vida profissional com a familiar.

"Escolhi conversar com a especialista em Turismo porque, quando penso no meu futuro profissional... Ruth, agora já consigo imaginá-lo!

Ela apenas sorriu.

— Então — eu continuei —, quando penso no meu cotidiano profissional, imagino que terei que me relacionar com pessoas de diferentes culturas, já que as relações estão tão globalizadas. Ela, como guia turística, poderia me contar sobre os maiores contrastes culturais que observa em suas viagens e situações inusitadas que já viveu. Deve ser um papo interessante. Mas não penso em Turismo como carreira.

"Da produtora de eventos, eu gostaria de saber como faz para organizar tantos detalhes para que tenha êxito em seus eventos. Mais ou menos qual é o segredo do sucesso!

"Para a Engenheira, eu perguntaria como se sente e como faz para trabalhar no mundo corporativo e cuidar da família, e se existe algum tipo de preconceito com relação à mulher executiva.

"Claro que escolhi conversar com o economista. Para ele, eu tenho muitas perguntas. Eu perguntaria sobre a faculdade, quais são as matérias mais interessantes, se ele estagiou, se foi difícil encontrar estágio ou não... Qual foi o primeiro emprego, se foi fácil entrar no mercado de trabalho, qual é a rotina de trabalho dele.





"Eu quis conversar também com o publicitário. Acho que é uma carreira dinâmica, descontraída, criativa, que envolve uma boa percepção e relacionamento.

"Um dos últimos cartões que eu selecionei foi o mais interessante deles: Relações Internacionais. Gostaria de saber o que exatamente faz quem se forma nesse curso. Acho que deve ser interessante analisar cenários mundiais ou planejar o investimento estrangeiro no país, por exemplo.

Ruth parecia bastante satisfeita com as minhas escolhas, pois considerou minhas decisões coerentes e consistentes.

Eu também tinha ficado satisfeita; estava mais claro ainda para mim o que me interessava e quais eram as minhas maiores preocupações em relação às profissões. Minhas dúvidas giravam em torno do volume e do cotidiano de trabalho, da conciliação com a vida pessoal e da grade curricular da faculdade. Pensar sobre essa ótica é importante, porque são novos valores e critérios de escolhas.



Novos critérios – Aprendendo com a experiência

Escolher a profissão é mesmo um processo criterioso. Então, por que não buscar ajuda com quem já passou por isso?

Uma coisa interessante para se fazer quando estiver pensando sobre as possíveis carreiras é conversar com profissionais das áreas e das carreiras que despertam sua atenção. Procure fazer perguntas relacionadas à rotina e ao ambiente de trabalho, como a pessoa faz para conciliar a vida pessoal com a profissional, se viagens são frequentes, se dominar outros idiomas faz diferença para o bom desempenho, como o profissional planeja o futuro, e outras perguntas pertinentes. Tudo o que você pensar, pergunte! Aproveite esse momento com os profissionais, ele é precioso!

Você vai notar que as pessoas estão bem disponíveis para responder suas perguntas. Então, melhor ainda se você puder preparar um pequeno questionário. Assim, você não deixa escapar nenhuma dúvida importante e também não corre o risco de perguntar duas vezes a mesma coisa.

O.K.! Sei que nem sempre conhecemos pessoas das carreiras que nos interessam. Mas procure, ao menos, levantar perguntas que mostrem a você suas maiores preocupações e anseios relacionados à carreira. Anote suas dúvidas, pesquise na Internet, em revistas e jornais. Você poderá encontrar informações relevantes que realmente lhe ajudarão.

POSTADO POR ANA LU







Assuntos em pauta

No colégio, parecia haver apenas três assuntos entre os alunos, especialmente entre os do terceiro ano. Um deles era o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e quem iria prestá-lo. Alguns estavam decididos a não fazê-lo, outros estavam consultando se a faculdade para a qual iriam prestar o vestibular considerava a pontuação do ENEM, e a maioria estava certa de que iria fazer o exame. Estávamos próximos da data-limite da inscrição, e eu já tinha decidido que iria me inscrever.

O outro assunto se manifestava no burburinho, e era sobre prestar o vestibular do meio do ano como *treineiro*. Eu não iria prestar, não via muito o que treinar. Seria uma prova extensa, cansativa e sem a pressão do vestibular. Não achei que valesse a pena.

Mas o assunto vestibular perdia a vez quando o tema era o FAM. Estávamos na semana anterior ao Festival, e todo mundo só falava sobre as apresentações. Eram os últimos ensaios, os últimos retoques nos cenários das peças de teatro e os últimos preparativos para a organização do evento. Estavam todos mobilizados. Como eu não iria apresentar nada, ajudei na divulgação. Fomos liberados nos intervalos de aula para distribuir folhetos e até colarmos cartazes. Tínhamos tempo livre também para enviar e-mails.

Aluno não pagava, e convidados que comprassem a entrada antecipadamente ganhavam um bom desconto.





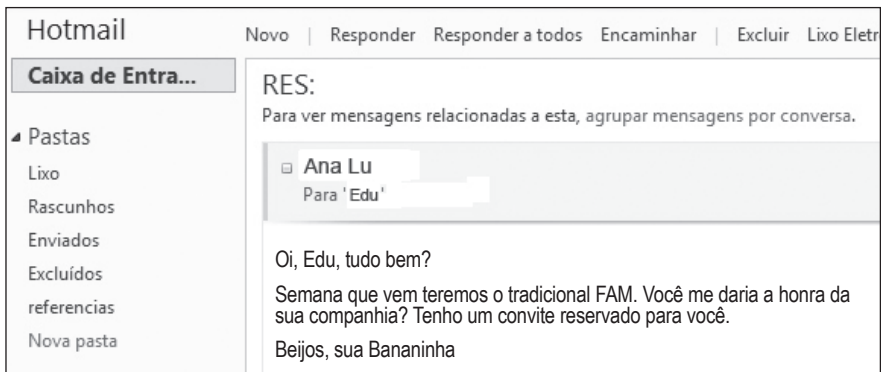
O pátio do colégio ficava em polvorosa, e você podia ver a galera zanzando de um lado para o outro o dia inteiro. Ninguém se concentrava nas aulas. Era uma semana quase perdida para os professores. Mas eles não se incomodavam, porque viam nosso envolvimento com um evento que valorizava a música e as artes. Mas, para os alunos, o FAM virava uma grande balada, frequentada por nossos amigos de fora do colégio e também por alunos de várias outras escolas.

Nos FAMS, sempre rolava muita paquera. Era fácil conhecer e ficar com alguém, e essas paqueras também rendiam muitos namoros!

Sempre havia a presença de alguns pais. Muita gente achava que era o maior mico quando o pai ou a mãe resolvia ir, mas, no fundo, todo mundo sabe que eles se orgulham da gente e jamais deixariam de prestigiar os filhos.

Tinha uma galerinha que todo ano fazia campanha para organizarmos dois dias de FAM: em um dia teríamos o FAMMO – Festival de Artes e Música da Moçada – e no dia seguinte o FAMFA - Festival de Artes e Música da Família –, mas a ideia nunca colou, e sempre encontrávamos o pai ou a mãe de alguém no único dia de FAM!

Já que eu estava incumbida da divulgação, fui divulgá-lo a um convidado que eu considero bem especial. Mandeí o seguinte e-mail:





Li e reli a mensagem. Respirei fundo, cliquei em “enviar” e me desejei boa sorte! Não preciso dizer que passei a checar o e-mail a cada intervalo de aula e, óbvio, não vinha resposta nenhuma. Edu e eu não nos falamos mais desde aquele sábado, há mais de quinze dias. Sem ter ficado com ele, ele já sumiu, imagine se eu tivesse ficado!







Sessão introspectiva

A semana foi bem confusa, e só me desliguei dos preparativos do FAM quando cheguei ao consultório da Ruth para a nossa penúltima sessão. Eu estava contente por finalizar o programa de Orientação Vocacional, mas, por outro lado, eu sentiria saudades daquelas horas com a Ruth. Como tinham me ajudado... Muito mais do que eu jamais imaginaria.

– Ruth, gostei muito da última sessão. Foi legal pensar em todos aqueles profissionais ao meu redor e eu tirando todas as minhas dúvidas – e como eu tinha perguntas para fazer!

– Podendo conversar com os profissionais pessoalmente, é ainda mais produtivo. Porém, nem sempre é possível encontrar profissionais disponíveis para tirar todas as dúvidas. No entanto, o exercício de imaginar com quais profissionais você gostaria de conversar e que perguntas você faria a eles, mostra a você suas maiores preocupações e anseios relacionados à carreira.

– É verdade, Ruth, foi incrível!

– Hoje, Ana, a sessão será mais... digamos, introspectiva. Vou pedir a você que responda um inventário de personalidade. Não é um teste, não há respostas certas e erradas. É apenas um levantamento mais pontual sobre a sua personalidade, um questionário que busca identificar seus traços mais marcantes. Não tenha pressa em responder e procure ser o mais espontânea possível em suas respostas. Procure aquela resposta que mais se aproxima de você do seu jeito. Responda aquilo que você é, e não o que gostaria de ser, O.K.?





Levantei da poltrona e me sentei à mesa. Foi um questionário tranquilo de se responder. Algumas perguntas eram sobre minha atitude, se eu sou uma pessoa mais extrovertida, comunicativa, ou se no geral sou mais introvertida e observadora. Outras perguntas focavam o cotidiano, a rotina e a criatividade. Outras, ainda, investigavam a forma como eu costumo tomar decisões, se geralmente levo em consideração o sentimento do outro quando vou decidir alguma coisa, ou se decido baseada só na razão.

Assim que terminei, fechei o caderno de perguntas e voltei à poltrona. A Ruth perguntou o que eu tinha achado do questionário. Eu disse que não tive dificuldade em responder e que a maioria das perguntas se aproximava mesmo do meu dia a dia. Então, eu só fiz paralelos com o que vivo e sobre como reajo nas diferentes situações.

Por fim, ela encerrou comentando que a próxima sessão seria a última, e que ela traria um relatório sobre todo o meu processo de Orientação Vocacional, os aspectos da minha personalidade, os meus pontos fortes e aqueles que ainda devo desenvolver, as minhas habilidades e as possíveis carreiras.

Em cima do meu perfil profissional, traçado no relatório, fazíamos a análise das carreiras e do mercado de trabalho atual.

A última sessão promete!



Marca registrada

Que todos somos diferentes um do outro não é nenhuma novidade. Ao contrário, é um clichê e tanto! Mas o que nos faz diferentes?

Temos traços únicos em nossa personalidade, digamos assim, a nossa “marca registrada”. Por isso é importante conseguir identificá-la, saber exatamente o que compõe a nossa personalidade. Uma das maneiras de perceber essas características é fazer uma leitura de como agimos e nos sentimos frente a diferentes situações. Por exemplo, em uma festa, você prefere ficar em um canto observando o movimento e se sente bem conversando com pessoas já conhecidas, ou você prefere circular e se sente à vontade em conversar com pessoas que eram, até então, desconhecidas para você?

E o que isso tem a ver com a carreira? Uma pessoa introvertida talvez não se sinta tão confortável em trabalhar com vendas. Já o extrovertido fará uso de sua facilidade de comunicação para aprimorar seu desempenho profissional nessa área.

Esse paralelo cabe nas mais diferentes situações que vivemos. Tente fazer sua leitura.

Extroversão, introversão... pensamento, sentimento... intuição, sensação... Quais são as suas características mais marcantes?

POSTADO POR ANA LU



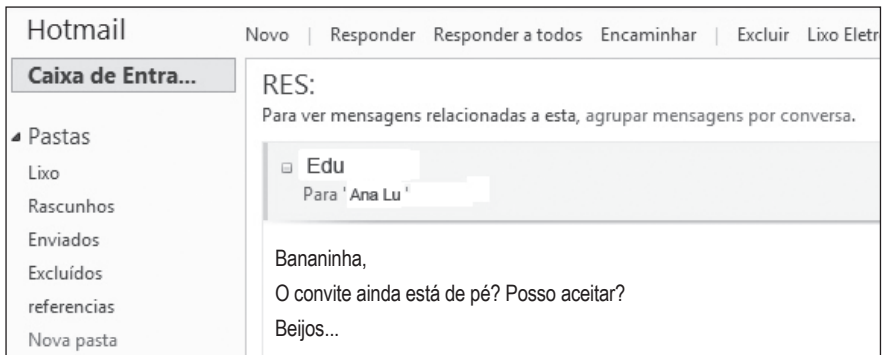




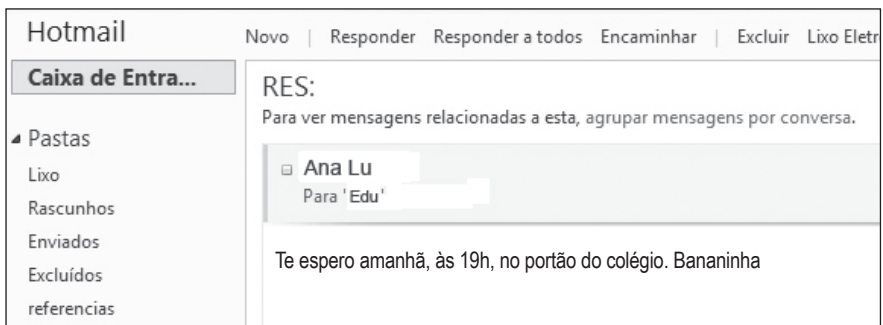
CAPÍTULO 22

Realmente feliz

Assim que cheguei em casa, depois da Orientação Vocacional, abri meu e-mail, e lá estava: a mensagem que passei a semana procurando. Hesitei alguns instantes... Qual teria sido a resposta?



Eu sorri e logo tratei de digitar:





O início do FAM foi às 15 horas, com a apresentação do coral, seguido das duas peças de teatro. As exposições de artes plásticas eram permanentes durante todo o festival, e as salas também já tinham sido abertas para visitaçào.

O colégio estava bem cheio. Tinha gente circulando pelos corredores, sentada no pátio, acompanhando as apresentações e as exposições.

Os shows de música começavam só às 19h. Cheguei mais cedo porque queria visitar a exposiçào e assistir a uma das peças de teatro em que o Bruno iria se apresentar. Eu não perderia por nada!

Acabei me demorando na exposiçào e entrei no auditório um pouco em cima da hora. Já estava bem lotado, então, acabei sentando atrás e não encontrei ninguém que eu conhecesse.

O Bruno esteve ótimo, e ao final do espetáculo corri para a coxia para cumprimentá-lo. Logo que ele trocou de roupa, saímos juntos, mas ele foi direto para a quadra, onde aconteceria o show do Zeca, e eu fui para o portão do colégio.

Quando estava a caminho, meu celular tocou. Era a Rê.

- Onde você está? Não vai assistir o show?
- Vou, mas não só eu.
- Como assim, dona Ana Luiza?!

Eu dei risada e desliguei.

Quando cheguei ao portão, o Edu já me esperava. Ele me deu um abraço apertado, e entramos. Assim que chegamos à quadra, encontramos a Rê e o João Pedro. A cara de espanto que ela fez foi única! Eu pisquei para ela e agi normalmente.

– Não sei se você se lembra do Edu. Edu, esta é a Renata e este é o João Pedro, namorado dela.

Edu os cumprimentou e começou a conversar com o João.





A Renata me puxou de canto:

– Ana, o que é isso? O Edu no show do Zeca?! Você está bem?

– Não, Rê, é o Edu me acompanhando no FAM. E eu estou muito bem, como há muito tempo não me sentia.

– O Zeca ficará louco da vida.

– Não sei como ele ficará, só posso dizer como eu fiquei. Aliás, como fiquei e estou: muito feliz. E, de mais a mais, o Zeca e eu deixamos de nos falar desde a grosseria dele na minha festa.

A Renata ficou quieta, e eu me aproximei do Edu. Confesso que eu estava apreensiva, com medo do Zeca nos ver e fazer qualquer outra cena. E o pior é que o Edu não tinha ideia, a menor ideia de toda a minha história com o Zeca.

Curti muito o show e quase não consegui tirar os olhos do Edu, mas nas poucas vezes que virei para o palco vi o Zeca me olhando.

Notei um olhar de raiva e de ciúme. Acho que ele não conseguia entender por que não estávamos juntos. Talvez ele estivesse se sentindo ridículo depois daquela serenata frustrada. E me ver com outro cara não ajudava em nada. Era nítido que ele ainda estava mordido com a situação. Talvez ele percebesse o quanto tinha sido egoísta no passado. Mas, de fato, eu tinha me desentendendo, e não havia serenata que fizesse meu coração sentir diferente.

Terminado o show, a Renata, o João e o Bruno foram cumprimentar o Zeca. Eu fiquei no meio da muvuca com o Edu. Era a primeira vez que ficávamos sozinhos naquela noite, e o barulho estava muito alto; então, começamos a conversar sussurrando no ouvido um do outro.

Logo se via que aqueles sussurros acabariam em um beijo. E foi exatamente o que aconteceu! Não sei se o Zeca viu, se a Re-





nata viu, se alguém mais viu... Para mim não importava. Aquele momento estava tão bom que eu não queria que terminasse! Estava me sentindo realmente feliz.





CAPÍTULO 23

Sessão final

Era a minha última sessão da Orientação Vocacional. Eu iria receber um relatório com a descrição da minha personalidade, dos meus pontos mais marcantes e de como eu poderia aproveitá-los no desenvolvimento da minha futura carreira.

– Esse relatório, Ana, contém, ainda, as principais profissões que vão ao encontro de seu perfil. Vamos fazer uma breve análise das profissões e conversar também sobre o mercado de trabalho.

Eu estava curiosa, mas acho que meus pais estavam mais ainda. Minha mãe já havia me perguntado se a deixaria ler o relatório, e meu pai pediu que eu ligasse para ele quando terminasse a sessão.

– Ana, vamos ler o relatório juntas. Estou com uma cópia. Vou ler o parecer e depois comentamos, O.K.?

Ana Luiza se mostrou uma pessoa extrovertida e espontânea. Tem sua atenção voltada para o ambiente ao seu redor e muita facilidade para se relacionar, gostando de estar sempre na companhia de seus amigos e seus familiares. Ela valoriza esse contato e tem facilidade para perceber bem cada uma das pessoas que a cercam.

Tem habilidades para criar um clima de cooperação e motivação entre as pessoas, apresentando uma boa capa-





cidade de liderança. Com seu entusiasmo nato, Ana Luiza é ainda competitiva, busca excelência em suas tarefas e não teme riscos. Quando assume um compromisso, ela o leva adiante com determinação.

O humor é outra característica de Ana Luiza, que é perspicaz em seus comentários e consegue provocar facilmente o riso de seu interlocutor. Também é criativa, busca soluções e vislumbra possibilidades para as situações que vive.

Ana Luiza tem um interesse franco pelo mundo corporativo, pelo mercado financeiro, e está interessada e preocupada com as influências e as barreiras culturais nas relações internacionais.

Trabalhos mecânicos e repetitivos não a motivam. São as atividades analíticas, aquelas que envolvem planejamento e relacionamento, que trazem e continuarão trazendo maior realização a ela.

Ana Luiza é uma pessoa entusiasmada, porém não pode esquecer que muitas coisas, que não estão sob seu controle, podem acontecer em um ritmo mais lento do que ela esperaria. Assim, é muito importante que ela aprenda a fazer planos de longo prazo. Projetos podem continuar interessantes mesmo quando entram em uma fase não tão instigante.

Estão claros para Ana Luiza quais são seus valores pessoais, e a importância da família em sua vida. Mantém um vínculo estreito, especialmente com seus pais, que são suas referências de realização e de afeto.

Faz parte dos planos de Ana Luiza ter filhos e tempo para estar com eles. Assim, é fundamental que sua atividade profissional permita um equilíbrio entre vida pessoal e profissional.





– Antes de passarmos para as profissões, conta pra mim: o que você achou do parecer, Ana?

– Você me surpreendeu, Ruth. Tudo isso sou eu! Não que eu não soubesse, mas nunca havia me percebido assim, de uma forma tão... tão completa. E mesmo o que você escreveu sobre aprender a fazer planos de longo prazo, é verdade. Sou ansiosa e, muitas vezes, quero respostas imediatas. Achei uma descrição muito legal.

– Que bom que você conseguiu se reconhecer no parecer! Espero que você se identifique com as carreiras sugeridas também.

Ao escolher sua carreira, Ana Luiza deverá considerar suas maiores qualidades. Será gratificante para ela que, em seu desenvolvimento profissional, possa aproveitar sua capacidade analítica, seu interesse genuíno pelas influências culturais e sua habilidade de relacionamento interpessoal. Também é importante buscar uma carreira que lhe traga crescimento, reconhecimento, estabilidade financeira e aprendizagem, que são alguns dos aspectos valorizados por ela em relação ao desenvolvimento profissional.

Abaixo, seguem as carreiras que preenchem essas condições e que vêm ao encontro do perfil pessoal de Ana Luiza.

- √ Ciências Econômicas;
- √ Relações Internacionais;
- √ Administração.

– Uau, Ruth. Adorei!

– Tanto em Economia como em Relações Internacionais, você teria a possibilidade de investigar cenários internacionais, inter-





mediando negociações e identificando novos negócios para investidores estrangeiros. Poderia também fazer análises sistêmicas do comportamento da economia de países e de empresas e sua comparação com o mercado, planejando e desenvolvendo soluções para os problemas estudados.

– Estou achando a minha cara!

– Já a área da Administração aproveitaria bastante a sua habilidade de relacionamento interpessoal, sua capacidade de planejamento e sua criatividade. Você poderia atuar em áreas de relacionamento com clientes, em desenvolvimento de produtos, marketing, dentre outras. As três carreiras possibilitam que você tenha um cotidiano dinâmico, que condiz com o seu perfil profissional.

Ruth e eu continuamos analisando as carreiras em relação aos meus projetos pessoais e às minhas maiores habilidades. Conversamos também sobre o mercado de trabalho.

Terminei a sessão levando, além do relatório, um roteiro que me ajudaria a explorar ainda mais cada uma dessas profissões e ter maior assertividade no momento da decisão. Mas a verdade é que eu saí do consultório já segura da minha escolha.



Podemos pedir ajuda

Os super-heróis devem ser restritos ao mundo dos gibis! Não podemos nos cobrar nem querer saber tudo sobre tudo, mesmo quando a questão é de cunho estritamente pessoal. Não somos heróis, nem os seremos. Podemos ter dúvidas, angústias, momentos de indecisão. Por isso, procurar ajuda nessas circunstâncias é fundamental.

Podemos até conversar com nossos amigos e familiares, que muitas vezes são grandes conselheiros e nos ajudam a valer. Mas precisamos estar atentos pois, mesmo tendo a maior boa vontade, nem sempre eles conseguirão ou saberão como nos ajudar.

Muitas vezes, no momento de escolhermos a profissão, as dúvidas são tantas ou tão específicas que precisamos mesmo da orientação e do respaldo de um profissional.

Assim, não hesite em buscar ajuda. Há instituições públicas e profissionais especializados que podem orientá-lo nesse processo. As faculdades de Psicologia, em sua maioria, têm clínicas abertas à comunidade que podem ajudar nesse percurso. Aproveite as oportunidades e faça com que sua escolha seja certa!

POSTADO POR ANA LU







CAPÍTULO 24

Meu futuro aos 22

Já estávamos no final do ano e tínhamos acabado de voltar da viagem de “formatura” que nosso grupinho organizou. Foram seis dias divertidíssimos em Florianópolis, que renderam boas histórias para contar.

Alugamos uma casa próximo à Lagoa da Conceição. Não era uma casa grande, mas conseguimos nos acomodar razoavelmente bem. Estávamos em um grupo de doze pessoas, então, a casa ficou um pouco apertada. Mas até isso foi motivo para diversão! Fazíamos sorteio todas as noites para ver quem eram os dois que dormiriam na sala. Era um momento de expectativa e de reclamação, claro que por parte daqueles que ficavam com a sala. Eram sempre os últimos a dormir e os primeiros a acordar!

Foi uma bagunça gostosa, com clima de azaração, e a viagem rendeu alguns novos casais! O Zeca viajou conosco. Continuávamos nos falando pouco e na viagem não foi diferente, mas já não havia um clima ruim, só mesmo a distância. Ele acabou ficando com a Rafaela logo na primeira noite. Ele havia ficado com ela outras vezes durante o segundo semestre. Agora, estavam juntos novamente na viagem.

Às vezes me dava a impressão de que ele estava com ela para me provocar ciúmes, isso porque o flagrei me olhando com um ar sério mais de uma vez, enquanto abraçava a Rafaela. Ciúmes eu não senti, mas confesso que achei esquisito vê-lo com outra menina.





Não sei se eles continuariam juntos no próximo ano, mas estava estampado, pelo menos no sorriso da Rafa, que ela estava curtindo ficar com o Zeca. Eu estava namorando o Edu desde o FAM. Eu estava feliz e queria que o Zeca fosse feliz, seguindo o seu caminho também.

O namoro com o Edu rolou de uma forma gostosa... Não ficamos pressionando um ao outro, simplesmente começamos a sair direto e, quando nos demos conta, a nossa relação tinha virado namoro.

Agora faltava uma semana para o vestibular. Achei que eu iria ficar nervosa, ou pelo menos um pouco aflita. Mas não, eu estava tranquila. Por estar convicta da minha escolha profissional, Relações Internacionais, consegui me concentrar ainda mais nas aulas.

Como no segundo semestre não teríamos aula à tarde, eu me matriculei no cursinho. Foi um semestre puxado: sair da aula, almoçar correndo e voar para o cursinho.

O programa de Orientação Vocacional tinha me ajudado não só a acertar a escolha da profissão, como possibilitou que eu me conhecesse melhor. Descubri habilidades e aspectos da minha personalidade que até então eu não enxergava de forma tão clara. Nesse final de ano eu me percebia diferente, me sentia mais forte e decidida.





CAPÍTULO 25

Manhã de verão... e de emoção

Era final de Janeiro, e a primeira lista do vestibular da universidade estadual devia estar no ar. Era uma manhã quente de verão, tão quente quanto fora a madrugada que passei agitada pelo calor e pela expectativa do resultado.

Já passava um pouco das sete da manhã e o resultado provavelmente já estaria disponível. Então, corri para ligar o computador e abrir a lista no site.

Minha mãe e o Caio estavam ao meu lado, e começamos a correr o cursor... Anas Beatrizes... Anas Claras... Anas Claudias... Anas Flávias... Anas Luisas e... ANA LUIZA... era eu mesma! Lá estavam meu nome e sobrenome estampados na lista! Li e reli, era eu!

Gritei, chorei, abracei minha mãe, abracei o Caio, pulei e gritei novamente:

– Passei! Passei!

Liguei para o meu pai: “Pai, eu passei... eu passei!” Em seguida, liguei para o Edu, mas caiu na caixa postal. Puxa... queria tanto contar para ele... Mas fiquei sem graça de ligar no telefone da casa, talvez ele e os pais ainda estivessem dormindo. Então, liguei para minha avó, eu tinha que contar para ela: “Vó, eu passei!” A verdade é que eu queria contar para o mundo que eu





tinha entrado para a faculdade! Estava tão eufórica que acabei não vendo quem mais tinha passado da galera do colégio.

Mas não demorou para a Rê me ligar.

– Ana Lu, eu passei! E você também! Passamos!

– Passamos, Rê! Nós passamos!

Pouco depois, ainda no meio da euforia, tocou o interfone do nosso apartamento.

Minha mãe atendeu e, na mesma hora, gritou da cozinha:

– Ana, chegaram flores pra você. Estão na portaria.

– Como assim? Flores, flores? Pra mim?

Ainda estava de pijama; então me troquei voando e descii.

Lá estava um buquê enorme de flores do campo. Como era bonito e colorido!

Abri o cartão, que dizia:

Parabéns à mais nova e bela universitária.

Te amo, Ana!

Edu

Era mesmo uma manhã de emoções. Mais uma vez, não contive as lágrimas e, relendo o cartão, eu disse baixinho: “Eu também te amo, Edu”.





Contato com a autora:
gabriela@verace.com.br





Produzido no formato 14x21cm
Capa impressa em triplex 250g
Miolo impresso em papel offset 63g
Impressão
SERMOGRAF
Impresso no Brasil/ *Printed in Brazil*

